

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

**HENNAN GESSI**

**PACAEMBU:  
CONSTRUÇÃO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO (1933- 1963)**

**GUARULHOS  
2013**

**HENNAN GESSI**

**PACAEMBU:  
CONSTRUÇÃO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO (1933- 1963)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à  
Universidade Federal de São Paulo como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Bacharel em História  
Orientação: Fernando Atique

**GUARULHOS  
2013**

Gessi, Hennan.

Pacaembu: construção e apropriação do espaço (1933-1963) / Hennan Gessi. –2013.  
68 f.

Trabalho de conclusão de curso(Bacharelado em História) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2013.

Orientação: Fernando Atique.

1. Urbanização. 2. Esporte. 3. Apropriação do Espaço. I. Orientador. II. Título.

**HENNAN GESSI**  
**PACAEMBU:**  
**CONSTRUÇÃO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO (1933-1963)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à  
Universidade Federal de São Paulo como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Bacharel em História  
História: História da Urbanização

Aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Prof. Dr. Fernando Atique  
Universidade Federal de São Paulo

---

Prof. Dr.  
Instituição

---

Prof. Dr.  
Instituição

A Renata Geraissati  
Para meu pai e minha mãe.

## AGRADECIMENTOS

Já são mais de 4 anos de Unifesp, e, sem dúvida, todas as etapas cumpridas ao longo desse tempo foram fundamentais para a produção desse trabalho de conclusão de curso. Das primeiras aulas que evidenciaram uma forma de interpretar a história totalmente diferente da que tinha aprendido até então, as trocas culturais proporcionadas com cada professor e com meus colegas.

Diante disso, gostaria de agradecer primeiramente essas pessoas que participaram dessa trajetória me ajudando a amadurecer tanto intelectualmente quanto pessoalmente. Entre os professores, em especial ao meu orientador Fernando Atique, fundamental para o desenvolvimento da monografia, e, acima tudo, um grande amigo. Também não posso deixar de mencionar outros professores que me proporcionaram experiências marcantes: Rafael Ruiz, Edilene Toledo, Jaime Rodrigues, Stella Vilaradaga, Fábio Franzini, André Machado, Carlos Augusto, Luis Ferla, Júlio Naranjo e Odair Paiva. Além disso, faço um agradecimento a Leandro Lamano, meu primeiro professor de história e um dos principais responsáveis por eu escolher essa carreira.

Nesses anos fiz muitas amizades na faculdade vivendo momentos inesquecíveis em variadas situações, que vão das aulas e leituras que compartilhamos, às viagens, festas, formação de um time de futebol e estágio. Agradeço a Rodrigo Hotta, Caio Gerbelli, Juan Diego, Hugo da Cruz, Philippe Arthur, Rosávio de Lima, Diego Becker, Herbert Bonomastro, Mariana Camino, Maria Clara Castro, Paola Pascoal, Janaína Lopes, entre outros. Faço questão de citar também meus amigos dos dois colégios que estudei, do Notre Dame, Gabriel Gimenez, André Marques, Raul de Paula e Daniela del Fava, do Copi, Ricardo Okino, praticamente um irmão.

Não posso deixar de lembrar dos acervos da Cia City, da FAU/USP, do Mackenzie, do Arquivo do Estado e de seus funcionários, que me receberam bem e foram fundamentais na obtenção de materiais valiosos para a monografia.

Por fim, agradeço à minha família, base de tudo, sobretudo, meus pais, Marcello Gessi e Rosely Rodrigues, e meus irmãos, Gabriel e Gustavo Rodrigues e Bruno Gessi. Contudo, tenho que citar também pessoas que há algum tempo considero como família, Silvana Geraissati e Carlos Henrique de Almeida, pais da pessoa que mais amo nessa vida, minha namorada, amiga e companheira de todos os momentos, Renata Geraissati.

## RESUMO

A pesquisa “Pacaembu: construção e apropriação do espaço (1933-1963)”, retrata a trajetória que culminou com a construção do Estádio Municipal do Pacaembu e a posterior utilização de seu espaço até os Jogos Pan-Americanos de 1963, em São Paulo. Alguns elementos foram fundamentais para a realização dessa obra, das diversas transformações urbanas ocorridas em São Paulo desde o final do século XIX, atraindo investidores, entre eles, a Cia City, uma das responsáveis pelo surgimento do Pacaembu, a difusão da cultura esportiva na cidade, com destaque para o futebol, e os interesses políticos configurados, sobretudo no período do Estado Novo. Em suma, a monografia evidencia que esta construção influenciou nas relações e na dinâmica do bairro, produzindo uma série de discursos que propiciaram o surgimento de documentos escritos, imagéticos e narrativas memoriais.

Palavras-chave: Pacaembu, Cia City, Apropriação do Espaço.

## **ABSTRACT**

“Pacaembu: construction and space appropriation (1933-1963)”, studies the trajectory that culminated with the construction of the Pacaembu Municipal Stadium and the subsequent use of its space on the Pan American Games in 1963. A few elements were fundamental to the accomplishment of this work, from the number of urban transformations that have occurred in São Paulo during the final of the XIX century, that attracted investors, among them, the Cia City, one of the responsible for the outbreak of Pacaembu; the spread of the sporting culture in the city, having the soccer a prominence, and the political interests, mainly represented in the period of “Estado Novo”. In short, the monograph highlights that this construction has influenced the relationships and the neighborhood dynamic, producing a series of speeches that led to the arising of textual, iconographic and oral documents.

Keywords: Pacaembu, Cia City, Space Appropriation.



## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b>   | <b>8</b>  |
| <b>2 . CAPÍTULO 1 SÃO PAULO: TERRA DO FUTEBOL? REVISÃO DA HISTORIOGRAFIA ATINENTE À CHEGADA DO FUTEBOL EM SÃO PAULO</b> | <b>11</b> |
| 2.1 INTRODUÇÃO E POPULARIZAÇÃO DO FUTEBOL EM SÃO PAULO  | 11        |
| 2.2 - FUTEBOL NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930:   | 20        |
| <b>3 CAPÍTULO 2 SÃO PAULO: NEGÓCIOS IMOBILIÁRIOS E DIFUSÃO DE ESPAÇOS DE LAZER.</b>                                     | <b>23</b> |
| <b>4 CAPÍTULO 3 O PACAEMBU: BAIRRO E ESTÁDIO COMO SÍMBOLOS DE UMA NOVA SOCIABILIDADE?</b>                               | <b>33</b> |
| 4.1 A INAUGURAÇÃO DO ESTÁDIO MUNICIPAL DO PACAEMBU  | 34        |
| 4.2 O DESFILE INAUGURAL   | 37        |
| 4.3 AS COMEMORAÇÕES DO IV CENTENÁRIO DE SÃO PAULO   | 41        |
| 4.4 A COPA DE 1950  | 42        |
| 4.5 O PAN-AMERICANO DE 1963   | 44        |
| 4.6 JOGOS UNIVERSITÁRIOS NO PACAEMBU: A MACMED  | 47        |
| 4.7 PACAEMBU: UM CENÁRIO POLÍTICO   | 50        |
| 4.8 UMA NOVA SOCIABILIDADE: EM QUE TERMOS?  | 53        |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>   | <b>56</b> |
| <b>6 REFERÊNCIAS</b>  | <b>58</b> |
| <b>ANEXO A –</b>  | <b>60</b> |
| <b>ANEXO B-</b>   | <b>64</b> |
| <b>ANEXO C-</b>   | <b>65</b> |
| <b>ANEXO D-</b>   | <b>68</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

A ideia da pesquisa sobre o estádio do Pacaembu surgiu da questão: “após 2014, qual será o destino do Pacaembu, uma vez que os times que utilizam o seu espaço estão construindo arenas próprias?”.

Uma vez que o Estádio Pacaembu atualmente vem sendo utilizado quase que exclusivamente na prática do futebol, recebendo os jogos, sobretudo, do Sport Club Corinthians Paulista e da Sociedade Esportiva Palmeiras e, eventualmente do Santos Futebol Clube, com a construção da Arena Corinthians que será utilizada na Copa do Mundo de 2014 e, posteriormente, pelo clube, além da reforma do Palestra Itália, estádio do Palmeiras, a grande questão que surge é o que será do Pacaembu? Afinal, há algum tempo, eventos de caráter não esportivos estão proibidos de ocorrerem no estádio, e o seu complexo esportivo não abriga competições de outras modalidades em maior escala, pelo menos em nível nacional. Exceto o futebol, que ainda utiliza o estádio, colocando o Pacaembu em evidência, as outras atrações acabam muitas vezes apenas restritas aos sócios, praticamente moradores do entorno, o que, de certa forma, condena o Pacaembu à dúvida de sua utilidade e existência em um âmbito de maior expressão, entre eles a mídia e os clubes de futebol, principalmente depois de 2014. A partir disso, pode-se fazer a seguinte reflexão: “este tradicional complexo esportivo, símbolo da cidade de São Paulo e ligado à identidade paulistana acabará sendo esquecido, preterido pelas novas arenas?”.

Diante dessa indagação, a pesquisa de monografia terá como foco analisar o complexo e quais são todas as redes de sociabilidade que se desenvolvem em torno do mesmo, tanto por meio de seus usos, quanto pela influência estética que causa no espaço, por todas as modificações tecnológicas em sua decorrência, além da valorização econômica de uma região. Desta forma, fica claro que uma edificação é muito mais que uma junção de tijolos, concreto armado e argamassa, sendo possível por meio dela a compreensão de uma série de discursos políticos, sociais, econômicos, estéticos e técnicos de um período.

Partindo desta concepção de que por meio de uma obra é possível compreender uma série de dinâmicas presentes na sociedade e que uma obra possui diversas facetas, tanto ideológicas, quanto físicas, que tornam o espaço urbano muito mais que apenas uma resultante de fatores econômicos e geográficos e percebendo que estes processos podem ser pesquisados e historicizados, a monografia se insere no campo da História Urbana, procurando analisar o espaço construído e suas conexões com o espaço social utilizando a cidade como um artefato e ser estudado. A pesquisa se pautou, historiograficamente falando,

nos moldes da “história-problema” de Lucien Febvre, isto é, os problemas colocados pelo tempo presente ajudam na pesquisa sobre o passado.

Sendo assim, ao se propor o estudo do complexo do Pacaembu, a pesquisa tem em mente não apenas o estudo do monumento em si, mas como foram as vivências da população local em torno deste e quais foram as apropriações de seu espaço. Assim, muito mais que a importância política e econômica desta obra, a pesquisa procurará se focar no aspecto social, isto é, o uso de seu espaço pela população e quais foram as redes sociais criadas ali. Desta forma, o objeto de estudo se inserirá muito mais no campo da História Social do que em outros campos dos estudos históricos.

Os objetivos da pesquisa fizeram com que grande parte das concepções teóricas utilizadas tanto na seleção de fontes, quanto na construção das hipóteses se baseassem na Escola dos *Annales*. Primeiro, pelo fato de ter sido este grupo que desviou o foco da história unicamente nos acontecimentos políticos e englobaram nas interpretações históricas os aspectos sociais e econômicos. Segundo, porque em decorrência desta mudança da chave política para a social propiciou-se que uma série de novos tipos de fontes pudessem ser utilizadas nos estudos históricos. Uma vez que surgiram novos temas que procuravam abarcar diferentes parcelas da sociedade sob novas abordagens, as fontes para estas análises tiveram de ser procuradas nos mais diversos locais, sendo assim, relatos orais e outros documentos involuntários passaram a serem usados, conjuntamente aos produzidos pelo poder público. Outra influência importante para a pesquisa é que foram os historiadores do grupo dos *Annales* os primeiros a realizarem uma apropriação do espaço geográfico pela história, algo que será relevante para a História Urbana.

Portanto, por meio da pesquisa que será baseada em fontes de diversos aspectos, desde documentos escritos e iconográficos até relatos orais, procurarei investigar e estabelecer relações do complexo do Pacaembu com o meio social na busca de revelar os vínculos, apropriações e discursos gerados em torno desse ambiente desde o seu projeto, conseqüente construção e usos, protagonista de uma série de eventos e transformações com distintos objetivos e dimensões, inclusive sendo influência fora de seus domínios.

A monografia foi estruturada em 3 capítulos. O primeiro, “São Paulo: terra do futebol? Revisão da historiografia atinente à chegada do futebol em São Paulo” pretende discutir brevemente como foram as primeiras aparições do esporte bretão na cidade, os primeiros praticantes, os clubes que o adotaram, além de sua rápida difusão na sociedade paulista que o levou a ser uma atividade profissional e provocou a construção do Estádio do Pacaembu; o segundo, “São Paulo: negócios imobiliários e difusão de espaços de lazer”, descreve a atuação

da Cia City no setor imobiliário de São Paulo, sobretudo as atividades desenvolvidas no bairro do Pacaembu, retratando suas práticas comerciais no local e o conceito de urbanização imposto pela companhia, que teve como destaque o arquiteto inglês Barry Parker, além disso, o capítulo abordará como aconteceu a parceria entre a Cia City e o governo paulista para a construção do complexo do Pacaembu que ocorre por uma conjuntura de fatores e interesse de ambas as partes, a partir dos anos 1930. O terceiro capítulo, de nome, “O Pacaembu: bairro e estádio como símbolos de uma nova sociabilidade?” tem como objetivo discutir como aconteceu a apropriação do espaço do complexo do Pacaembu, mostrando seu caráter versátil e simbólico, evidenciados na representatividade dos eventos que recebeu, entre eles, a cerimônia de inauguração, o Mundial de futebol de 1950 realizado no Brasil, as comemorações do IV centenário de São Paulo, os Jogos Pan-Americanos também ocorridos na cidade, em 1963, as competições universitárias MacMed, a comemoração do Dia do Trabalho, em 1944, e o comício de Luis Carlos Prestes, em 1945.

Assim, a monografia que agora o leitor tem em mãos aborda o Estádio do Pacaembu como um documento contido no grande arquivo da História construída, que é a metrópole paulistana.

## 2 . CAPÍTULO 1 SÃO PAULO: TERRA DO FUTEBOL? REVISÃO DA HISTORIOGRAFIA ATINENTE À CHEGADA DO FUTEBOL EM SÃO PAULO

### 2.1 Introdução e popularização do futebol em São Paulo

A ascensão da cultura esportiva em São Paulo configura-se ainda no século XIX, em conjunto com as intensas modificações econômicas, sociais e culturais ocorridas na cidade. João Fernando Ferreira, no livro, **A Construção do Pacaembu**, caracterizou o início dessa difusão na “Pauliceia” definindo: “entre os últimos anos do século XIX e as primeiras décadas do século XX, a cidade de São Paulo vivenciou um intenso movimento esportivo. A princípio, assistiu-se a uma sucessão de modismos importados da Europa, todos de caráter elitista e de inspiração amadora. (FERREIRA, 2008, p.19) Na época, o Turfe surgia como a primeira grande modalidade na cidade com a construção do Hipódromo Paulistano, em 1879, no bairro da Mooca, mas caíram no gosto paulista também o críquete, a patinação e o ciclismo, inaugurando-se o Velódromo de São Paulo em 1892, na região central da cidade, em terras da família Prado. Em 1896, a retomada das Olimpíadas, disputadas em um formato moderno com participantes de todo mundo, assegurou grande visibilidade às práticas esportivas, surgindo, nas primeiras décadas do século, atletas brasileiros de destaque como a nadadora Maria Lenk. Ainda na esteira dessa rápida difusão esportiva na virada do século, o futebol, que se tornaria uma das maiores paixões nacionais, começou a ser praticado na cidade de São Paulo.

A visão mais tradicional sobre a história do futebol, parte do pressuposto que Charles Miller foi o introdutor do futebol, argumentando-se que antes de sua chegada, em 1894, o esporte não foi difundido e organizado no Brasil, apesar de algumas pessoas presenciarem marinheiros ingleses com bolas de futebol exercendo a prática de forma esporádica e, posteriormente, seguindo viagem para outros portos (MILLS, 1996, p.41).

A “paternidade” de Miller sobre a introdução do futebol é refutada pelo autor José Moraes dos Santos Neto, pois ele não acredita que ações dessa dimensão ocorram por iniciativas individuais. (SANTOS NETO, 2002, p.30) Em sua obra, **Visão do jogo: os primórdios do futebol no Brasil** expõe-se a tese de que, desde os anos 1880, muitos colégios de elite, sobretudo os dirigidos por jesuítas, como o São Luís, estabelecido, na época, na cidade de Itu, já haviam introduzido o esporte na grade curricular (SANTOS NETO, 2002, p.15). Os primeiros contatos dos religiosos com o futebol aconteceram nas excursões que realizavam para escolas europeias, destacando-se as visitas para a Alemanha, a França e a

Inglaterra. (SANTOS NETO, 2002, p.18). Santos Neto indicou em seu trabalho que as motivações das visitas dos jesuítas surgiram após Rui Barbosa, deputado pelo Partido Liberal no ano 1882, apresentar à Câmara Imperial opiniões a respeito da Reforma do Ensino Primário e das Instituições Complementares de Instrução Pública, desejando melhorar o sistema educacional do país, muito defasado, e detentor de um elevado índice de analfabetismo. (SANTOS NETO, 2002, p.13). Com relação à Educação Física, Barbosa acreditava que introdução de exercícios ao ar livre, bem conduzidos, era de fundamental importância. (SANTOS NETO, 2002, p.14). Diante desse novo projeto educacional muitas instituições de ensino decidiram reformular seus quadros, inclusive das atividades físicas, procurando o intercâmbio com as tendências europeias, deparando-se, então, com o futebol, o *Football*. O Autor ainda descreveu o método que os jesuítas utilizaram no ensino do futebol aos alunos. Jogando em conjunto com os estudantes, a princípio, ocorria uma espécie de bate bola na parede, contudo, em pouco tempo, o jogo desenvolvido tornou-se semelhante ao tradicional, existindo uma disputa entre duas equipes, que tinham como objetivo acertar a bola dentro da marca da parede do adversário. (SANTOS NETO, 2002, p.19). A próxima etapa que se configurou opunha dois times compostos por onze jogadores e foi marcada pelo início da utilização de traves. (SANTOS NETO, 2002, p.23). Santos Neto, ainda destacou que antes da chegada e da posterior atuação de Miller na difusão do futebol entre os clubes de elite, os estudantes formados no São Luiz ao retornarem às suas cidades já haviam iniciado a propagação do esporte. (SANTOS NETO, 2002, p.23).

Nos primórdios do futebol em São Paulo, o papel fundamental de Charles Miller foi ter iniciado a prática da *Association football*, surgida na Inglaterra, em 1863, pela necessidade da padronização do jogo que possuía regras distintas entre as escolas britânicas, gerando problemas, sobretudo quando os estudantes ingressavam nas faculdades. (MILLS, 1996, p.15). Em 1884, Charles Willian Miller, de família britânica, viajou à Inglaterra para completar seus estudos. Miller se instalou na cidade de Southampton, no condado de Hampshire para frequentar a escola *Banister Court School*, tradicional inclusive na prática esportiva. (MILLS, 1996, p.17). Durante o tempo em que passou no país, jogou críquete por sua escola e pelo clube *Marylebone Cricket Club*, e conheceu e se destacou no futebol, realizando jogos pelo clube *St. Mary's*, da cidade, pelo Condado de Hampshire, como convidado do Corinthian Footbaall Club, além de ser um dos principais destaques da própria escola. (MILLS, 1996, p.23).

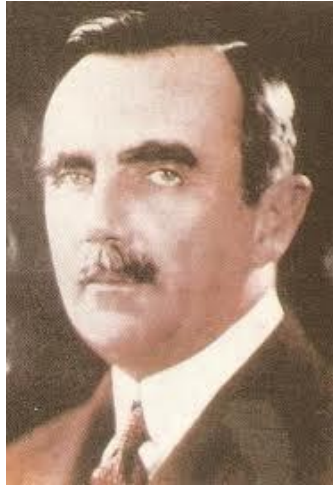
Depois de dez anos na Inglaterra, Miller retornou ao Brasil trazendo na bagagem equipamentos de futebol e o livro de regras com intenção de continuar praticando o esporte e

angariar novos adeptos. Descendente de britânicos e sócio do São Paulo Athletic Club (SPAC), fundado em 1888 por essa comunidade, que costumava praticar críquete aos domingos, Miller, em 1896, organizou e participou do primeiro time de futebol formado por sócios do clube, ingleses e descendentes, que possuíam altos cargos em instituições como a Companhia de Gás e na São Paulo Railway Co. (MILLS, 1996, p.9).

Em 1898, foi fundada a Associação Atlética Mackenzie College. Derivado do Colégio Mackenzie, o time era composto por jovens jogadores brasileiros. O autor John Mills, em seu livro **Charles William Miller - Centenário 1894-1994 - Memoriam S.P.A.C.** revelou que as atividades esportivas no Mackenzie começaram com o incentivo de um professor, chamado Shaw, que desejava, em um primeiro momento, introduzir o rúgbi e o cestobol. (MILLS, 1996, p.42). Pela falta de adaptação dos alunos, observando a tendência dos mesmos de preferir utilizar os pés, quando deveriam utilizar as mãos, que condicionam esses dois esportes, Shaw decidiu ensinar o futebol.

Dentro da perspectiva da gênese do futebol, o alemão Hans Nobiling um dos fundadores do Sport Club Germânia, conhecido nos dias atuais como Esporte Clube Pinheiros e de conceituada relevância em âmbito nacional por tradicionalmente revelar atletas olímpicos para o Brasil, foi de grande importância, como diz Mills, para a “socialização” do esporte bretão, afinal, como o autor defende, o introdutor foi Charles Miller, porém, em um primeiro momento, os membros do São Paulo Athletic Club só jogavam entre si. (MILLS, 1996, p.47). Nobiling enfrentou dificuldades para encontrar adeptos do futebol na comunidade alemã de São Paulo, pela preferência da ginástica entre os mesmos. No entanto, não desistiu de formar uma equipe, reunindo-se com outros interessados de diversas nacionalidades, entre eles, brasileiros e ingleses, culminando na formação do Sport Club Internacional, em 1899. Após desentendimentos em relação ao nome do clube, escolhido por englobar todas as nacionalidades, desagradando Nobiling que desejava homenagear o Germânia da cidade de Hamburgo, time em que atuou na Alemanha, dando o mesmo nome ao clube que estava sendo criado, menos de um mês depois fundou o Sport Club Germânia com outros compatriotas, entre eles os irmãos Wahnschaffe, também presentes na reunião de fundação do Sport Club Internacional. (MILLS, 1996, p.47).

O futebol crescia rapidamente nos últimos anos do século XIX, e amistosos entre os times até então existentes já aconteciam com certa frequência na cidade. A partir de um desses confrontos surgiu a ideia de se constituir o Club Atlético Paulistano, como conta John Mills:



**Figura 1-**Retrato Charles Miller  
**Fonte:** Charles William Miller-  
 Centenário 1894-1994- Memoriam  
 S.P.A.C.



**Figura 2-**Hans Nobiling  
**Fonte:** Germânia Pinheiro IX  
 Décadas

O futebol crescia rapidamente nos últimos anos do século XIX, e amistosos entre os times até então existentes já aconteciam com certa frequência na cidade. A partir de um desses confrontos surgiu a ideia de se constituir o Club Atlético Paulistano, como conta John Mills:

“Certa tarde sócios “velodromistas” Renato Miranda, Olavo de Barros e Silvio Penteado, que estavam no Mackenzie, presenciavam jogo de futebol entre o quadro local e o Internacional. O espetáculo foi do agrado deles, e pensaram “bem que poderíamos ter isto no Velódromo. (...) Reunidos à noite num café no centro, vários desportistas, entre eles Martinho Prado e Renato Miranda, foram procurados por Arnaldo Pacheco Silveira. Esse tinha consigo uma lista com 40 assinaturas, contendo o nome dos rapazes que pretendiam ingressar no quadro social do São Paulo Athletic Club, tentando criar uma espécie de seleção brasileira entre os ingleses. Quando Renato Miranda e Martinho Prado viram a lista que Arnaldo Pacheco Vieira tinha levado para assinarem, não concordaram com essa ideia. “Em vez de ingressar no SPAC”, sugeriram, “por que não fundarmos com esses 40 rapazes, um novo clube brasileiro, paulista, paulistano?” (MILLS, 1996, p.50).

No fim de 1900 foi fundado o Club Atlético Paulistano:

“Realiza-se hoje, às 7 horas da tarde, no salão da Rotisserie Sportsman, uma reunião de distintos moços de nossa sociedade, com o fim de tratar da fundação de um Club Athletic.”. (in: Correio Paulistano, 30/11/1900).

A criação do Paulistano não estava atrelada apenas ao esporte, sobretudo ao futebol, mesmo sendo, inicialmente, a principal modalidade desenvolvida no clube. Os fundadores, genuinamente brasileiros, tinham a intenção de que o clube fosse um espaço de convivência entre suas famílias, afinal, no fim do século XIX, as agremiações da cidade eram redutos quase que exclusivos de imigrantes e seus descendentes.

O Paulistano teve como primeiro presidente Bento Pereira Bueno, no entanto, destacava-se entre os membros fundadores, Antônio Prado Júnior, que depois de negociar



com sua avó, Veridiana Prado, proprietária do antigo Velódromo Paulistano, definiu o local como sede do clube. O Velódromo Paulistano, localizado ao lado da igreja da Consolação, inicialmente construído para o ciclismo, em 1901, começou a ser palco do futebol paulista, tornando-se um símbolo dos primórdios desse esporte na cidade.



**Figura 3-** A torcida no Velódromo, sede dos jogos do Campeonato Paulista, 1906.

**Fonte: Museu do C.A. Paulistano.**



**Figura 4-** Velódromo. Gol do Paulistano contra o São Paulo Athletic Club, 1905.

**Fonte: Museu do C.A. Paulistano.**

O ano de 1900 ainda foi marcado pelo retorno a São Paulo de Antonio Casemiro da Costa, definido por John Mills, como o “organizador do futebol bandeirante” (MILLS, 1996, p.41), *persona* que, ao lado de Miller e Nobiling, foi uma das principais figuras da gênese do futebol paulista. Antonio Casemiro da Costa, assim como Miller, foi à Europa para um período de estudos e acabou conhecendo o futebol. No velho continente atuou e se destacou em clubes da Liga Helvética como o *Basle F.C.*, o *Old Boys fr. Fribourg* e o *Berne F.C.* Ao retornar a São Paulo, Costa filiou-se ao Sport Club Internacional, mas se aproximou dos outros principais clubes que praticavam o futebol. Além disso, observou a falta de equipamentos necessários para a prática, entre eles, o principal, a bola. Diante disso, pela inexistência de importações e comércio de artigos esportivos no Brasil, propôs ao sapateiro Caetano Lizzarini, popular na região central da cidade, que fabricasse uma. Lizzarini aceitou a proposta de Antonio Casemiro da Costa e fabricou a primeira bola brasileira, tornando-se, posteriormente, um especialista na confecção de equipamentos de futebol. (MILLS, 1996, p.48).

Em 1901, os clubes paulistas, principalmente pelo intermédio de Antonio Casemiro da Costa e outros integrantes dos Sport Club Internacional, como Rene Vanorden, estreitaram ainda mais as relações. Isso se reflete, sobretudo, nos embates organizados por Vanorden e os irmãos Oscar e Sidney Cox, precursores do futebol no Rio de Janeiro, entre paulistas e cariocas. O selecionado de São Paulo contava com jogadores dos cinco principais times da

cidade que formaram a primeira Liga Paulista de Futebol ainda em dezembro do mesmo ano. (MILLS, 1996, p.52).

A sede do Internacional foi a escolhida para a reunião que definiu a fundação da Liga Paulista de Futebol; o idealizador, Antonio Casemiro da Costa, foi definido como primeiro presidente, tendo como vice Hans Nobiling, do Germânia. John Mills relata que a estrutura e a organização do campeonato acabaram em grande parte também ficando por conta de Costa que definiu as sedes, o plano de divulgação à imprensa, os uniformes, a divisão dos lucros entre os clubes e a nova entidade, além de oferecer a taça, batizada com seu próprio nome. (MILLS, 1996, p.53). O primeiro jogo ocorreu em maio de 1902, no Parque Antártica, e marcou a vitória de 2x1 do Mackenzie sobre o Germânia. Os times que mais se destacaram durante a competição foram o São Paulo Athletic Club e o Club Atlético Paulistano que realizaram um jogo de desempate no Velódromo, consagrando o SPAC - com excelente atuação de seu principal jogador, Charles Miller, autor dos dois gols da vitória por 2x1 sobre o Paulistano -, como o primeiro campeão paulista. Contudo, a principal expectativa do campeonato era sobre a presença de público nos jogos, o que evidenciaria o sucesso do futebol entre as elites da cidade. John Mills revela que o campeonato atraiu gradativamente públicos maiores e mais entusiasmados com as partidas, ressaltando os elegantes trajés dos expectadores:

“A platéia sempre em número crescente, era formada, em grande parte, por senhoras e senhoritas, que com suas linda toilettes, a maioria importadas de Paris, enfeitavam as tribunas, e os homens ostentando elegantes chapéus de coco e palheta, como era moda nessa época da elitização e sofisticação do futebol” (MILLS, 1996, p.55).

A final do campeonato bateu o recorde de público da competição, com a presença de 4000 pessoas no Velódromo, confirmando o rápido crescimento do esporte no gosto paulista. (MILLS, 1996, p.58).



**Figura 5-**Time SPAC, 1905.  
Fonte:[www.literaturanaarquibancada.com.br](http://www.literaturanaarquibancada.com.br)

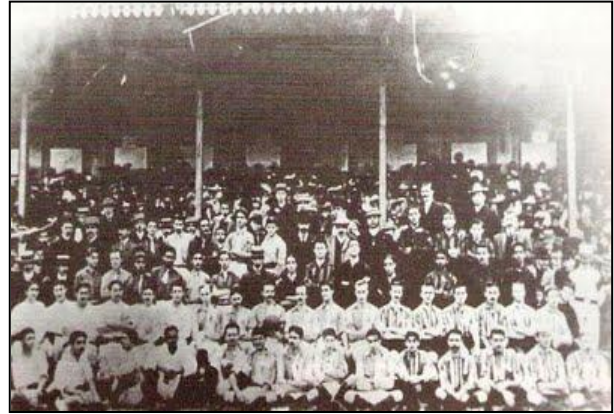


**Figura 6-**Time C.A. Paulistano, 1905.  
Fonte: Museu do C.A. Paulistano.



**Figura 7**-Time SC Germânia, 1914.

**Fonte:**[www.gottfriedfuchs.blogspot.com.br/2012/12/hans-nobiling.html](http://www.gottfriedfuchs.blogspot.com.br/2012/12/hans-nobiling.html)



**Figura 8**-Mackenzie, Internacional, Paulistano, A.A. das Palmeiras e São Paulo Athletic, reunidos no Velódromo, 1905.

**Fonte:** Museu do C.A. Paulistano.

Pelo sucesso obtido, os organizadores decidiram que a próxima edição do campeonato seria no ano seguinte, iniciando-se o ciclo do Campeonato Paulista. Os anos de 1903 e 1904, assim como na primeira edição, foram marcados por disputas acirradas em SPAC e Paulistano, que decidiram os títulos novamente em jogos desempate. O SPAC de Miller, novamente levou vantagem nos confrontos, tornando-se tri-campeão. Ainda em 1904 uma nova equipe entrou na Liga, a Associação Atlética das Palmeiras, formada por muitos jogadores vindos do Paulistano após conflitos no clube. O ano também marca a fundação FIFA em Paris. (MILLS, 1996, p.69).

Em 1905, o Paulistano tornou-se campeão, quebrando a hegemonia do SPAC, que declinou nos anos seguintes conquistando apenas mais um título. Até 1912 os clubes alternaram-se nas conquistas, com o Germânia, em 1906; Internacional, em 1907; Paulistano, em 1908; A.A. Palmeiras, em 1909 e 1910; SPAC, em 1911 e S.C. Americano, em 1912. Este último surgiu na cidade de Santos, em 1903, filiando-se a Liga em 1907. O ano de 1910 ainda registrou a entrada do Clube Atlético Ypiranga na Liga.

Em 1913 ocorreu uma cisão na Liga de Futebol Paulista, surgindo a APEA, (Associação Paulista de Esportes Atléticos) que em pouco tempo se tornou a principal entidade do futebol de São Paulo. Esta nova entidade era liderada pelo Paulistano que havia se desligado da Liga Paulista de Futebol por não concordar com a entrada do Sport Club Corinthians Paulista, time de origem popular. (FERREIRA, 2008, p.36). No ano anterior, o SPAC já havia saído da Liga e encerrado a prática futebolística no clube por considerar que o futebol não era mais o mesmo de antigamente. (FERREIRA, 2008, p.36). Durante a década de 1910, com a organização da primeira Liga de futebol e a sequência de campeonatos, realizados desde 1902, o futebol cada vez mais se expandia na cidade, formando-se novos clubes e conquistando adeptos, não mais restritos apenas às elites. Essa situação configurada

era fonte dos principais conflitos entre os clubes na época que se incomodavam com a presença de jogadores e torcedores considerados de nível social mais baixo, afirmando que estes eram os responsáveis pelos tumultos que assolavam as partidas. (MAZZONI,1950, p.87)

A saída do Paulistano, um dos fundadores da Liga Paulista de Futebol, condenou a mesma a um rápido declínio e conseqüente desaparecimento em 1917, com a integração dos clubes à APEA. Entretanto, de 1913 a 1916, existiram simultaneamente campeonatos das duas ligas. O primeiro, em 1913, estruturou-se com Paulistano, A.A. das Palmeiras e Mackenzie pela APEA, sendo o vencedor o Paulistano, e Internacional, Germânia, Americano, Ypiranga, Corinthians e Santos, pela Liga Paulista de Futebol, conquistando o título o Americano. O campeonato da Liga ainda marcou a estreia de dois clubes famosos no cenário atual do futebol, o Sport Club Corinthians Paulista e o Santos Futebol Clube.

O Sport Club Corinthians Paulista foi fundado em 1910 no bairro do Bom Retiro por operários, que decidiram por esse nome inspirados pela excursão realizada no Brasil do *Corinthian Football Club*, famoso time amador inglês da época, que viajava por diversos países divulgando o esporte. Antes de chegar a São Paulo, o clube inglês havia enfrentado o Fluminense e um Combinado Carioca, conquistando resultados expressivos. Em solo paulista não foi diferente, vencendo as partidas sem maiores dificuldades contra a A.A. Palmeiras, o Paulistano e por último uma seleção denominada “Anglo-Paulistas”, que tinha como base o SPAC, e marcou o último jogo oficial de Charles Miller, já veterano com 36 anos. (MILLS, 1996, p.92). John Mills conta que após esse jogo, Miguel Battaglia, primeiro presidente do Corinthians Paulista, e funcionários da São Paulo Railway já decididos a formar um novo clube, foram pedir a Miller uma sugestão de nome, este em honra ao time inglês, disse “*Corinthian*”. (MILLS, 1996, p.92).

O Santos Futebol Clube surgiu em 1912, em uma assembleia convocada por Francisco Raymundo Marques, Mário Ferraz de Campos e Argemiro de Souza Júnior na sede do Clube Concórdia. Nesta assembleia, além das discussões dos possíveis nomes da nova agremiação, batizada de Santos Foot-ball Club, elegeram também o primeiro presidente, Sizino Patusca, um dos fundadores do S.C. Americano, clube que já compunha a Liga Paulista de Futebol.

Em 1917, a APEA se estabeleceu como organizadora do Campeonato Paulista, admitindo o último campeão da extinta Liga Paulista de Futebol, Corinthians, como afiliado. Além disso, este campeonato foi marcado pela estreia do Palestra Itália, clube fundado em 1914 por imigrantes italianos. O torneio se configurou com nove equipes. Além dos tradicionais times, Paulistano, A.A. das Palmeiras, Mackenzie e Internacional, participavam do campeonato Santos, São Bento, Ypiranga e os já citados Corinthians e Palestra Itália. O

Campeonato foi vencido pelo Paulistano que estabeleceu uma hegemonia até 1920, quando o Palestra Itália conquistou o primeiro título de sua história.

O Palestra Itália que passou a usar o nome Sociedade Esportiva Palmeiras, em 1942, atualmente é um dos maiores clubes paulistas. Esta mudança ocorreu com o advento da Segunda Guerra Mundial, pois naquela época o Presidente Getúlio Vargas proibiu que qualquer entidade usasse nomes relacionados aos países do Eixo, do qual a Itália participava, por isso, o clube foi obrigado a mudar de nome, escolhendo “Palestra de São Paulo”. A mudança não agradou, e as pressões políticas e esportivas continuaram sobre o Palestra que foi ameaçado de perder seu patrimônio e ser retirado do campeonato. Definiu-se que o nome seria então Sociedade Esportiva Palmeiras, clara homenagem à A.A. das Palmeiras que ajudou o Palestra Itália a ingressar na APEA em 1916.

A rápida ascensão e popularidade do futebol em São Paulo é fruto de um processo não apenas ligado aos clubes de “boa família”, contribuindo, também, para o seu crescimento os “de baixo”, os menos abastados, entre eles, em um primeiro momento, estrangeiros que chegavam à cidade para trabalharem nas fábricas e na expansão das ferrovias, como operários. (FERREIRA, 2008, p.29). O autor Tomás Mazzoni revelou, ainda nesse período, a existência dos times formados por negros que sobreviviam na cidade por meio de pequenos trabalhos informais (MAZZONI, 1950, p.342).

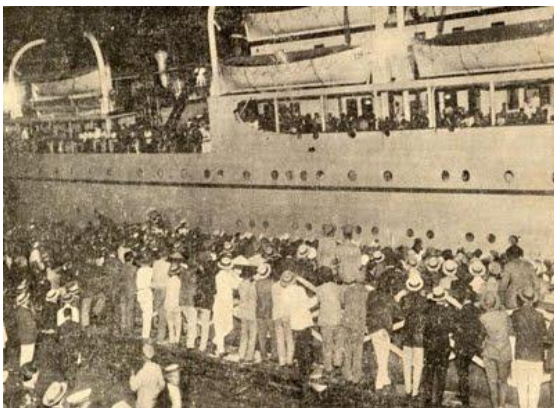
Os primeiros times populares começaram a aparecer em São Paulo na região da Várzea do Carmo, que se localizava no centro da cidade, onde atualmente está estabelecido o Parque Dom Pedro. (FERREIRA, 2008, p.29). Segundo Ferreira, o futebol nasce na região pouco depois de seu estabelecimento no Velódromo Paulistano. Em princípio, o local era utilizado pela elite, contudo, ainda nos primeiros anos do século XX, tornou-se um reduto da prática popular do futebol, evidenciando que apesar de ser considerado como não oficial, o esporte não era apenas praticado pelos mais abastados. O autor revela que trabalhadores de todas as origens começaram a frequentar o local, formando uma porção de times que disputavam campeonatos aos domingos. (FERREIRA, 2008, p.29). Além disso, rapidamente, em outras localidades da cidade, surgiram novos campos. Nos bairros operários o futebol já era praticado rotineiramente, e assim como nos jogos da elite atraíam bons públicos. Ainda nos primeiros anos do século XX despontou o Clube Atlético Ypiranga, primeiro clube de origem popular a participar da Liga Paulista de Futebol. Fundado em 1906, o Ypiranga, foi aceito para compor a Liga pelo grande público que acompanhava seus jogos, tornando-se um atrativo financeiro para os organizadores. (FERREIRA, 2008, p.36).

## 2.2 - Futebol nas décadas de 1920 e 1930:

Alguns episódios ocorridos nos anos 1920 confirmam a contínua expansão do futebol que, segundo a autora Monica Raisa Schpun, nessa década, tornou-se um dos elementos-chaves de afirmação do poder nacional. (SCHPUN, 1999, p.71) Um desses episódios que simbolizou o crescimento e a capacidade do esporte brasileiro em atrair e envolver as massas aconteceu em 1925, protagonizado pelo Paulistano, quando realizou uma excursão à Europa para enfrentar equipes da França, da Suíça e de Portugal. Dos dez jogos disputados, os paulistas venceram nove, tornando-se conhecidos no velho continente. Além disso, no retorno ao Brasil, são surpreendidos com uma recepção triunfal como conta Schpun:

“Sua volta ao Brasil é celebrada em todos os lugares: o navio para primeiro em Recife, onde a população já espera os jogadores do “glorioso”. No Rio, festas oficiais são organizadas para recebê-los: fanfarras militares e cumprimentos oficiais do Presidente da República. Em São Paulo, última etapa da viagem, a cidade praticamente para na chegada do time. Um cortejo de dois mil carros é organizado para trazer os jogadores até a sede do clube, onde uma recepção oficial os espera, mas a multidão acaba carregando-os em triunfo pela cidade.” (SCHPUN, 1999, p.72)

A descrição de Schpun sobre a volta do Paulistano ao país expõe elementos que comprovam a mobilização que o futebol provocou em diversas esferas sociais. Primeiramente, destacam-se as saudações das massas, ocorridas em três estados distintos, evidenciando que o futebol nos anos 20 já era conhecido em diversas regiões brasileiras, revelando-se como um potencial objeto integrador, além disso, as fanfarras militares e a recepção presidencial retratam o envolvimento político no cenário futebolístico, parceria que seria cada vez mais explorada pelo governo brasileiro que passou a enxergar o esporte como um instrumento de manipulação de massas e de exaltação nacionalista.



**Figura 9**-Recepção aos vitoriosos jogadores no porto do Rio de Janeiro. Foi formado um cortejo que acompanhou os jogadores até a sede do Fluminense, 1925.

**Fonte: Museu do C.A. Paulistano.**



**Figura 10**-Jogadores do Paulistano homenageados no retorno da excursão à Europa, 1925.

**Fonte: Museu do C.A Paulistano**

A década de 1920 foi marcada também pelas discussões sobre a profissionalização do futebol em decorrência de sua expansão que exigia uma estrutura mais adequada à proporção obtida no período. Insatisfeito com os rumos do futebol em 1926, novamente o Paulistano resolveu organizar uma liga paralela fundando a LAF (Liga de Amadores de Futebol) em defesa do amadorismo. Esta entidade durou até o início de 1930, extinguindo-se após o Paulistano encerrar seu departamento de futebol no final de 1929.

Em 1928 foi fundada L.P.P.F. (Liga Paulista de Profissionais de Futebol), iniciando-se a regulamentação do esporte na cidade, não à toa, já nessa época o Brasil sofria com a saída de jogadores para o exterior, motivadas por questões financeiras. Enquanto no Brasil os embates sobre o profissionalismo eram ainda recentes, países como Uruguai e Argentina já haviam superado a fase do amadorismo, e na década de 20 começaram a contratar jogadores brasileiros, enfraquecendo os espetáculos locais. (RIBEIRO, 1999, p.52)

Outra questão naquele momento debatida pela imprensa era a da infraestrutura dos estádios não mais compatíveis com o número de expectadores:

“O domingo que passou serviu para nos provar que o maior estádio da cidade, o Parque Antártica, não é mais capaz de suportar a grande leva de torcedores. O embate entre Palestra e Corinthians levou mais de 35 mil expectadores ao estádio. Quando as autoridades vão olhar mais diretamente para isso? O futebol é o mais popular esporte da cidade, e ainda não temos um estádio compatível com essa popularidade” (“Superlotação” in: A Gazeta, 15/05/1929, p.9)

A década de 1920 registrou, ainda, um aumento da cobertura da imprensa ao meio esportivo, com as primeiras transmissões radiofônicas dos campeonatos e o surgimento imprensa especializada, como jornal A Gazeta Esportiva, de 1928. (FERREIRA, 2008, p.49).

Nos anos 30 o futebol se configurava como o mais popular esporte da nação. Três momentos simbolizam essa consolidação, a adoção do profissionalismo, em 1933, a Copa do Mundo de 1938, e a construção do que seria na época o maior estádio de futebol da América Latina, o Pacaembu.

Segundo Ferreira apesar da regulamentação do futebol como atividade profissional em 1933, inicialmente a CBD (Confederação Brasileira de Desportos), não reconheceu a profissionalização do futebol, o que propiciou, por meio da atuação de alguns clubes, a criação da FBF (Federação Brasileira de Futebol) com a intenção de defender o profissionalismo. A divisão entre as entidades durou até 1937, quando a CBD reconheceu o esporte como profissional (FERREIRA, 2008, p.44).

Pouco tempo depois da ascensão da CBD como única entidade responsável pela organização do futebol, o Brasil participaria da Copa do Mundo de 1938, realizada na França.

O Mundial provocou uma significativa mobilização nacional comprovada, por exemplo, no sucesso da Campanha do Selo Pró-Seleção, criada pela CBD para arrecadar fundos que ajudariam a manter a Seleção na Europa, além disso, o Presidente Getúlio Vargas era o chefe da delegação brasileira, o que simbolizava o relevante envolvimento entre o futebol e o poder público, que enxergava o esporte como uma das principais plataformas de afirmação da política vigente. (FERREIRA, 2008, p.53).

A Copa do Mundo de 1938, transmitida via rádio, foi um objeto de grande audiência no Brasil. A Seleção conquistou a 3ª colocação evoluindo em relação às campanhas das edições anteriores interrompidas na primeira fase, o que mostrava uma melhor organização do esporte no país. Segundo Ferreira, o futebol era uma unanimidade nacional e o Mundial comprovou que este esporte já era considerado parte obrigatória da cultura brasileira, que com o apoio, estadonovista consolidou-se como um “cartão identitário” nacional. (FERREIRA, 2008, p.55).



**Figura 11-** Seleção Brasileira da Copa de 1938.  
**Fonte:** [musicadogol.blogspot.com.br](http://musicadogol.blogspot.com.br)

Alvo de debates desde o final da década de 1920 a construção de um estádio compatível à dimensão do futebol tornou-se realidade nos anos 1930. Em 1936, o Estádio Municipal do Pacaembu começou a ser construído e o principal esporte brasileiro ganhou um palco condizente com o seu tamanho. Contudo, o Pacaembu não era fruto apenas do crescimento do esporte bretão, pois, mais do que isso, surgiu por confluência de interesses políticos e privados em conjunto com a expansão urbana registrada em São Paulo, desde o final do século XIX.



### **3 CAPÍTULO 2 SÃO PAULO: NEGÓCIOS IMOBILIÁRIOS E DIFUSÃO DE ESPAÇOS DE LAZER.**

Ainda no século XIX, ao lado da expansão cafeeira Paulista, investimentos em setores urbanos, como a instalação de bancos, a abertura de ferrovias, o incremento da manufatura, da mecanização e do comércio exportador, abriu sendas para o aumento da imigração e da penetração da mentalidade positivista, fatores, os quais, conjugados, permitiram um processo de crescimento que fizeram a cidade de São Paulo assumir destaque na economia e na modernização do país. (BACELLI, 1982, p.16). Pierre Monbeig afirmou que São Paulo passou em poucas décadas de “Burgos de estudantes” a “capital dos fazendeiros”, levando em conta as transformações ocorridas em seu espaço, como a ampliação das estradas de ferro que cortaram as chácaras periféricas da cidade colonial e imperial, e o início da instalação de indústrias. (MONBEING, 1953, p. 27). Os setores de serviço foram ampliados, permitindo a introdução do gás, do saneamento e da iluminação pública. A arquitetura também sofreu modificações, observadas nas construções urbanas com a substituição da taipa pelo tijolo e a influência estrangeira, sobretudo a italiana em sua configuração (BACELLI, 1982, p.17).

O autor Ronei Bacelli destaca uma mentalidade europeia em São Paulo nesse período, diante do aumento do poder aquisitivo nacional e a intensificação do consumo, principalmente do mercado europeu, sobretudo produtos franceses e ingleses. (BACELLI, 1982, p.16). A parte urbana da cidade também começou a sofrer relevantes modificações observadas na expansão do centro com a abertura da Rua São João e inauguração do Viaduto do Chá, ocorrendo uma modificação da utilização do centro, que passa a desenvolver atividades comerciais como foco principal deixando de ser essencialmente residencial. (BACELLI, 1982, p.18). A cidade, no início do século XX, já vivia a gestação do processo de “metropolização”, impulsionado pelo surto industrial. Em conjunto com esse surto verifica-se um aumento demográfico, evidenciando profundas distinções de classes configuradas nos bairros da cidade, como a região da Avenida Paulista e o bairro do Higienópolis abrigando a elite, e a região do Brás, Mooca e Belenzinho se destacando por desenvolver as atividades industriais e sendo centro de residências de operários. (BACELLI, 1982, p.21).

Em suma, a cidade de São Paulo viveu, entre 1870 e 1930, um período de efervescência e transformações em diversos setores, dentre eles, econômico, urbano e político, que

propiciaram a entrada de novos investidores na cidade como, a Companhia City<sup>1</sup>, formada em São Paulo, em março de 1912.

Segundo Bacelli a trajetória da Companhia em São Paulo, iniciou-se em 1911 quando o banqueiro francês Edouard Fontaine de Laveleye, acompanhado do assessor e compatriota Joseph Bouvard, um dos mais renomados arquitetos da época, realizou uma viagem à cidade para estudar e analisar a possibilidade de estabelecer futuros negócios. (BACELLI, 1982, p.25). Observando o progresso em diversas esferas na cidade, inclusive na economia, Bouvard sugeriu que Fontaine adquirisse terras para investir no setor imobiliário. (BACELLI, 1982, p.26). Fontaine acatou a sugestão de Bouvard e no mesmo ano negociou com proprietários locais a aquisição de 12 milhões de metros quadrados de terras na cidade de São Paulo:

“O Dr. Horácio Belfort Sabino, sócio do Dr. Cincinato da Silva Braga, por si e representando um grupo de proprietários de terrenos firmou no Rio de Janeiro com o Sr. Fontaine uma minuta de contrato de opção de venda, pela qual se obriga a vender doze milhões de metros quadrados de terras na capital de São Paulo, que servirão de base à constituição de uma firma, por parte do comprador, a operar com sede em Paris e tendo a empresa por escopo a compra, venda, e construções naquela cidade” (BACELLI, 1982, p.26).

Ao retornar à Europa Fontaine realizou um acordo com irmãos Boulton, banqueiros ingleses, surgindo na Inglaterra em setembro de 1911 a *Cia City of São Paulo Improvements and Freehold Land Co Ltd*, com sede em Londres e escritórios em Paris e São Paulo. Em novembro do mesmo ano Fontaine vendeu o terreno adquirido em São Paulo à Cia City. (BACELLI, 1982, p.28).

Ao iniciar as atividades em São Paulo, a Cia City, além de atuar no setor imobiliário e de melhoramentos urbanos, operava também nos setores comerciais, industriais e financeiros em vista de facilitar seus negócios:

“Contratos foram celebrados com o governo, bem como com empresas privadas fornecedoras de bens e serviços. Frequentemente, esses acordos ao mesmo tempo envolviam os órgãos oficiais e as firmas particulares, como por exemplo, a São Paulo Railway Co. e a Light & Power Co. (...) A Companhia subsidia empresas de transportes coletivos para que essas promovam acesso a seus terrenos, como é o caso da Auto Ônibus Pinheiros Ltda.; e da Empresa Jardim Paulistano de Auto Ônibus que serviria também o Pacaembu e o Alto da Lapa.” (BACELLI, 1982, p.36).

---

<sup>1</sup> “\*A Companhia City de Desenvolvimento é a única titular do direito de uso e propriedade das marcas compostas pelas expressões CITY e CIA CITY.”

A Cia City modificou a magnitude da atividade imobiliária em São Paulo desenvolvendo projetos, sobretudo elitistas, instituindo os bairros jardins na cidade, que valorizavam a estrutura topográfica dos terrenos adquiridos:

“A estética desse projeto previa construções estritamente residenciais e soltas nos lotes, com grandes recuos para áreas verdes, pequenas cercas-vivas, ausência de muros e ruas arborizadas, além de praças semipúblicas no interior das quadras, que podiam ser desfrutadas por moradores e por quem estivesse só de passagem. No plano arquitetônico os casarões assobradados – os preferidos da burguesia industrial emergente – foram substituídos por palacetes e bangalôs de linhas mais modernas.” (FERREIRA, 2008, p.70).

O responsável pelo desenvolvimento desse padrão urbanístico foi o arquiteto inglês Richard Barry Parker, que chegou ao Brasil, contratado pela City, em 1915. Membro do Movimento pela Cidade-Jardim, o arquiteto era contrário à concepção que estabelecia o traçado em tabuleiro de xadrez na cidade, buscando mudar a legislação urbanística para que pudesse aplicar o projeto que considerava ideal nas regiões por ele planejadas. Bacelli coloca que anteriormente à chegada da Cia City em São Paulo e o posterior projeto urbanístico proposto por Parker, grandes áreas da cidade eram negociadas a preços baixos ou tomadas pelo sistema de “grilos”, sendo loteadas e arruadas segundo o traçado hipodâmico, muitas vezes, inadequados à topografia local. (BACELLI, 1982, p.24).

A Cia City adquiriu terrenos em todas as regiões da cidade de São Paulo na negociação realizada com Edouard Fontaine, no entanto, acabou vendendo os loteamentos que não interessavam, entre eles, os situados na Vila Mariana, Ipiranga, Vila Leopoldina, Vila América e Vila Nova Tupi. Segundo Bacelli, dois fatores provocaram desinteresse por parte da Companhia, o processo de industrialização e o povoamento, verificados no entorno de alguns lotes. (BACELLI, 1982, p.34).

Os terrenos em que a Cia City decidiu desenvolver seus projetos foram os da porção sudoeste da cidade, onde se localizava o bairro do Pacaembu:

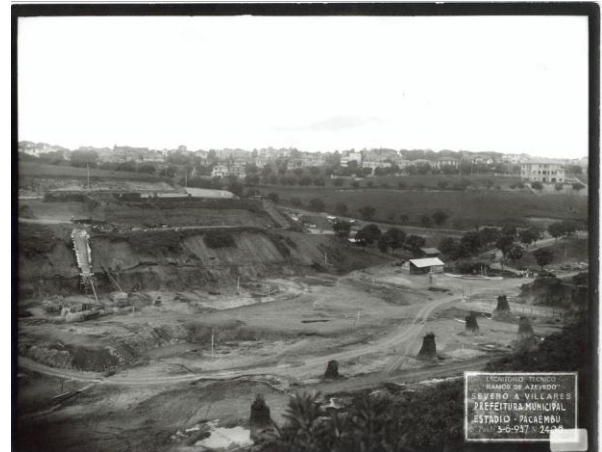
“Sua preocupação primeira concentra-se na estruturação dos bairros-modelo; assim os bairros do Jardim América, Pacaembu e Anhangabaú são considerados de primeira classe, e dirigidos a uma parcela da população de alto poder aquisitivo; o Alto da Lapa, Bela Aliança e Alto de Pinheiros destinam-se à classe média; já a Vila Romana e o Butantã seriam bairros operários.” (BACELLI, 1982, p.35).

Para compreender o processo que levou à construção do Estádio Municipal do Pacaembu, objeto desta pesquisa, faz-se necessário também entender como ocorreu o desenvolvimento do bairro do Pacaembu, localizado nas escarpas do espigão que já abrigava os bairros de Higienópolis e a Avenida Paulista.



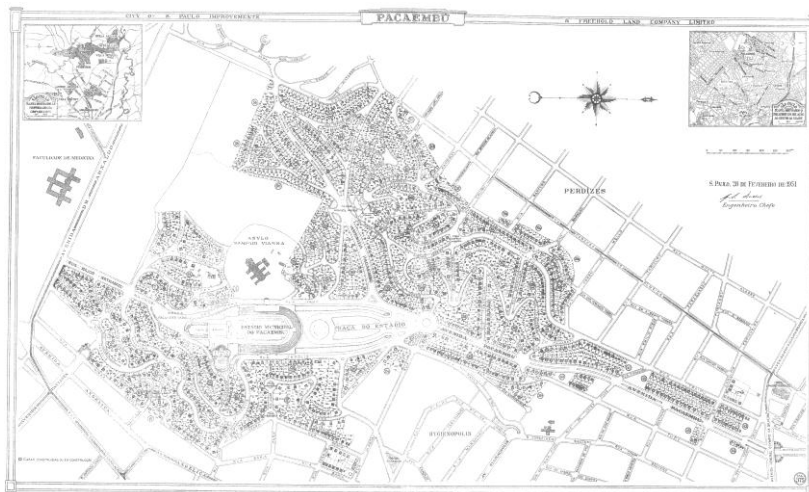
**Figura 12-** Bairro do Pacaembu com o Estádio Municipal ao centro.

**Fonte:** Acervo da Biblioteca da FAU/USP



**Figura 13-** Terraplanagem para construção do Estádio Municipal.

**Fonte:** Acervo da Biblioteca da FAU/USP



**Figura 14-** Planta da região do Pacaembu

**Fonte:** Acervo Cia City

Inicialmente, por ser uma área de difícil acesso à região do Pacaembu permaneceu praticamente desocupada, porém, o bairro era considerado atrativo devido à sua localização próxima ao centro. Na década de 10 quando Parker chegou a São Paulo e começou a estudar os terrenos da City o primeiro plano idealizado foi a criação de um parque público no local, contudo pouco depois o arquiteto constatou que o valor da região dificultaria tal plano, pois a Cia City deixaria de lucrar com futuras vendas de lotes no bairro. Sendo assim, Parker, estabeleceu que para um melhor aproveitamento habitacional na região as leis municipais deveriam ser modificadas, pois o traçado mais indicado seria conforme a topografia local. (ANDRADE, 1998, p.227).

A partir dessa concepção o arquiteto mobilizou-se em conseguir a permissão para o desenvolvimento de seu projeto, já que um dos motivos de sua contratação pela Cia City foi a

reprovação, pela Câmara, do plano anterior desenvolvido. (ANDRADE, 1998, p.228). Para isso se aproxima e escreve alguns ofícios às autoridades responsáveis com o intuito de convencê-los de que seu projeto é o ideal para o bairro. (ANDRADE. 1998, p.228).

Após as observações de Barry Parker sobre a ocupação do sítio paulistano, o mesmo define que o princípio que adotou para o traçado do Pacaembu era “a antítese do que havia sido feito até então”. O arquiteto inglês acreditava que não se deveria apenas levar em conta os aspectos arquitetônicos, mas também, os aspectos financeiros, práticos e a higiene conciliando todos sem que algum se sacrificasse (ANDRADE. 1998, p.229).

Anteriormente ao estabelecimento da Cia City, São Paulo já vivia um momento de agitação em âmbito esportivo, sendo objeto de discussão entre a municipalidade e o governo federal, a necessidade de ampliação dos espaços para a prática de esportes. Ainda no século XIX surgiram o Hipódromo Paulistano e o Velódromo de São Paulo em decorrência do sucesso de esportes como o turfe, o críquete e o ciclismo. No início do século XX, com a chegada da Cia City, a construção de um jôquei na região do Pacaembu acabou sendo cogitada no momento em que os primeiros contatos entre o governo e a empresa ocorreram. Contudo, devido ao entrave do desenvolvimento urbano do bairro durante a década a década de 1910 essa discussão acabou sendo interrompida.

Na década 1920, a City começou a desenvolver o plano de urbanização do Pacaembu realizando diversas melhorias, entre elas, a canalização do ribeirão, a abertura da Avenida Pacaembu e a construção de praças, além disso, naquele período, foram comercializados os primeiros terrenos do bairro. (FERREIRA, 2008, p.71). Ainda nessa época, percebendo a crescente mobilização esportiva, com destaque para o futebol, que já era o esporte mais popular da cidade, tanto entre a elite, quanto entre as camadas populares, a Cia City concedeu uma doação ao governo paulista de 50 mil metros quadrados no bairro do Pacaembu para a construção de um estádio.<sup>2</sup> (MEHRTENS, 2010 p.140 [tradução minha]). A autora Cristina Mehtens revela que até o início dos anos 30 o terreno doado permaneceu praticamente abandonado, virando um obstáculo para as propriedades adjacentes da Companhia, diante disso, a construção do estádio na área doada tornou-se essencial para os interesses da mesma, que desejava valorizar a região e acelerar seu desenvolvimento urbano. (MEHRTENS, 2010 p.140 [tradução minha]).

---

<sup>2</sup> Em 1936 a Cia City doou mais 25.598 metros quadrados a pedido do município para o desenvolvimento da obra do Estádio do Pacaembu



**Figura 15-** Vista dos melhoramentos implantados na região do Pacaembu.  
**Fonte: Acervo da Biblioteca da FAU/USP.**



**Figura 16-** Vista do bairro do Pacaembu.  
**Fonte: Acervo Museu do Futebol.**

Em 1933, a Cia City decidiu pressionar o governo para iniciar a construção do Estádio do Pacaembu:

“Projeto Pacaembu”, foi como o comitê da Cia City denominou sua estratégia , esta consistia em dois pontos: tornar o município completamente responsável pela construção do prédio e da pavimentação das ruas ao redor, bem como torná-lo um parceiro no financiamento de metade dos custo total da construção, estimado em aproximadamente 3000 contos” (MEHRTENS, 2010 p.141 [tradução minha]).

Outro órgão que se envolveu no projeto foi o Escritório Severo Villares. Isto aconteceu mediante o apoio de membros da City que também faziam parte do Escritório:

“O projeto também incluía contratos privados secretos. Uma negociação foi feita entre a Cia City e Arnaldo Dumond Villares (...). De acordo com Villares a firma iria financiar 25% dos 50% da Cia City, contanto que esta persuadisse o governo a fechar o acordo com o Escritório” (MEHRTENS, 2010 p.141 [tradução minha]).

Depois das negociações entre a Cia City e Arnaldo Dumont Villares foi estabelecida a parceria para a construção do Estádio do Pacaembu. Alguns dos membros do alto escalão da City, entre eles, Arthur du Cros e Gama de Oliveira, representante inglês da City e gerente geral do Brasil, respectivamente, junto com o Escritório Severo Villares, se reuniram com o Governador de São Paulo Waldomiro de Lima e com o prefeito Theodoro Ramos estabelecendo os procedimentos para o início do projeto de construção. A Companhia junto com o Escritório, já em dezembro de 1933, apresentou ao governador as plantas do primeiro projeto. (MEHRTENS, 2010 p.141 [tradução minha]).

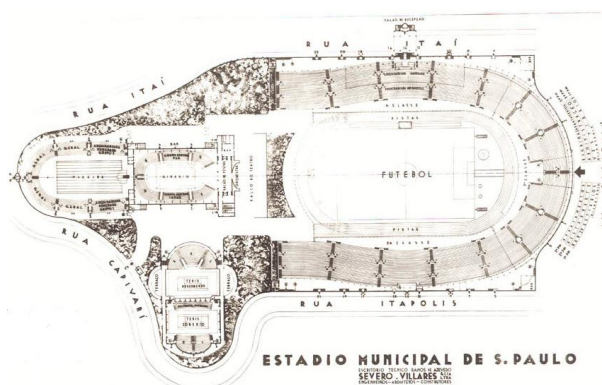
Contudo, o projeto, que parecia engrenar no início de 1934, não transcorreu de maneira equilibrada, sendo marcado por conflitos até 1938. Nesse período poder público e privado protagonizaram inúmeros desacordos em relação ao projeto do Pacaembu, modificando, anualmente, suas diretrizes, que desagradavam, sobretudo, os membros da Cia City e do Escritório Severo Villares, insatisfeitos com as constantes exigências do governo. A obra teve

início no final 1936, ou seja, três anos após a entrega do primeiro projeto. Evidenciando o entrave nas negociações, os custos aumentavam progressivamente, preocupando os empreendedores que culpavam o poder público pela situação, exigindo que o mesmo arcasse com os prejuízos. Além disso, o Brasil vivia um período de instabilidade política, surgindo nesse intervalo de quatro anos duas Constituições, que estabeleceram novas condutas com o setor privado desacelerando sua atuação.

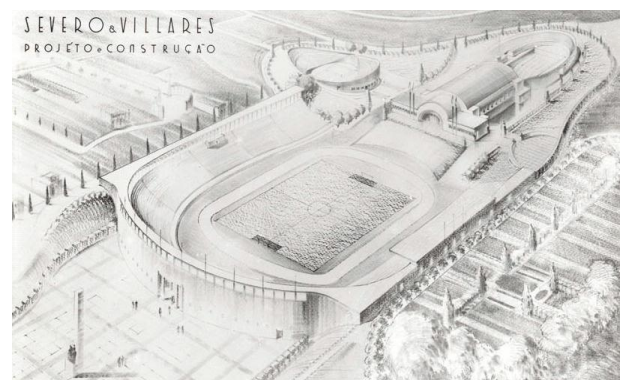
Segundo Mehrtens, o Departamento Estadual de Educação Física também foi um dos responsáveis pelos conflitos do projeto:

“No fim de outubro de 1934, o Departamento Estadual de Educação Física publicou um relatório contra o plano da Cia City de construção do estádio. Neste relatório o Diretor Bayma pediu uma licitação pública, como era de praxe, e estimou os custos entre 4000 e 5000 contos. O comitê local mostrou sua decepção com o relatório de Bayma e resolveu responder a isto em nível pessoal. Nesta mesma reunião o comitê decidiu estudar uma venda do bairro do Jardim América e que o processo de negociação das parcelas ainda estava em desenvolvimento. Bayma solicitou um desconto especial, com o qual a Companhia já havia respondido, afirmativamente, mas que não podia mais ser considerado” (MEHRTENS, 2010 p.144 [tradução minha]).

A Cia City era contrária à licitação, afirmando que havia feito um acordo com o governo antes da exigência, temendo que esse procedimento pudesse excluir o Escritório Severo Villares, que já estava envolvido com o projeto. Apesar da insatisfação da City e do Escritório foi aberto o processo de licitação para a construção do estádio, entretanto não surgiram concorrentes e o projeto continuou sob a responsabilidade dos empreendedores já envolvidos. (MEHRTENS, 2010 p.144 [tradução minha]). Todavia, o inusitado dessa situação, foi o procedimento adotado pela empresa, que utilizava seus empreendimentos como barganha para facilitar seus objetivos. (MEHRTENS, 2010 p.144 [tradução minha]).

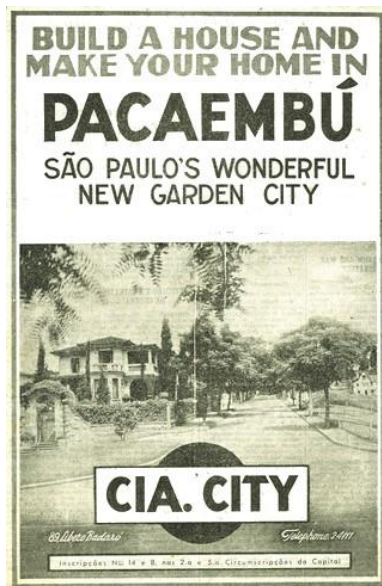


**Figura 17-** Planta do Estádio do Pacaembu.  
**Fonte:** Acervo da Biblioteca da FAU/USP.



**Figura 18-** Planta do Estádio do Pacaembu .  
**Fonte:** Acervo da Biblioteca da FAU/USP.

Em contrapartida às dificuldades encontradas no desenvolvimento da construção do Estádio o Pacaembu, na década de 30, a Cia City se beneficiou pela intensa especulação imobiliária do período. Uma mudança na concepção das famílias da época que passaram a investir na aquisição de imóveis foi registrada, sobretudo pela instabilidade política do período, no caso do Pacaembu. Atrelados a essa situação, os melhoramentos urbanos da região e as formas mais flexíveis de pagamento estabelecidas pela City propiciaram um aumento das vendas. (MEHRTENS, 2010 p.148 [tradução minha]).



**Figura 19-** Propaganda de venda da Cia. City no Pacaembu.  
**Fonte:** Acervo Cia City.



**Figura 20-** Propaganda de Venda da Cia. City no Pacaembu.  
**Fonte:** Acervo Cia City.

Segundo Ferreira, dados da biografia de Prestes Maia evidenciam que a obra do Estádio do Pacaembu estava apenas iniciada em 1938, quando este foi nomeado prefeito, realizando alterações no projeto original:

“O primeiro plano feito na gestão Fábio da Silva Prado, em 1936, previa a existência de duas arquibancadas laterais e portões monumentais à frente, como um gigantesco muro ornamental. Esse plano foi substituído com a chegada de Prestes Maia ao poder em 1938, que trouxe consigo um novo conceito arquitetônico, buscando, assim, trazer um caráter monumental à obra, utilizando como principais elementos o concreto armado” (FERREIRA, 2008, p.64).

Durante o Estado Novo a arquitetura era um instrumento legitimador, produzindo elementos simbólicos que tinham como intenção atingir a consciência das massas. Dessa forma, Maia, em sua gestão, promoveu diversas reformas viárias e arquitetônicas em São Paulo sendo o Estádio do Pacaembu um de seus principais projetos do período. (FERREIRA, 2008, p.65) A atuação de Prestes Maia também foi fundamental para o desentrelaçamento da obra: o prefeito renegociou os contratos com a Cia City e com o Escritório Severo Villares



oferecendo boas condições aos empreendedores, provocando uma significativa melhora na relação entre os envolvidos no projeto. (MEHRTENS, 2010 p.156 [tradução minha]).

As instalações do Estádio Municipal do Pacaembu foram concebidas sob uma área de 75.598 metros quadrados, no entorno das Ruas Itaí, Capivari e Itápolis em conjunção com a Avenida Pacaembu. (ACRÓPOLE, 1939, p.1) O terreno tinha o formato de uma “bacia”, sendo propício à construção de grandes arquibancadas pela configuração de seu declive. (ACRÓPOLE, 1939, p.1) As arquibancadas norte, leste e oeste eram interligadas formando uma ferradura. (ACRÓPOLE, 1939, p.4) Na porção sul instalou-se a concha acústica, espaço destinado a cerimônias cívicas e espetáculos de arte. Por cima das arquibancadas leste e oeste foram levantadas três torres em cada lado destinadas aos refletores. (ACRÓPOLE, 1939, p.8) A fachada principal foi erguida sobre uma grande praça que constituiu o alargamento da Avenida Pacaembu, ligando seu perímetro aos bairros adjacentes da cidade. (ACRÓPOLE, 1939, p.3)

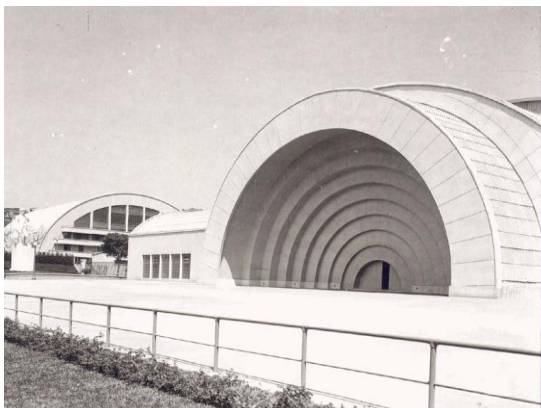
No interior do complexo ainda foram construídos toaletes para o público; vestiários masculinos e femininos; salas de medicina, enfermaria; massagem e administrativas; túneis de acesso ao campo; três bares com capacidade para 300 pessoas cada um; um restaurante; apartamentos para atletas; salões de esgrima e ginástica e depósitos. (ACRÓPOLE, 1939, p.8)



**Figura 21-** Bar do Estádio do Pacaembu.  
**Fonte:** Acervo da Biblioteca da FAU/USP.



**Figura 22-** Vestiário do Estádio do Pacaembu.  
**Fonte:** Acervo da Biblioteca da FAU/USP.

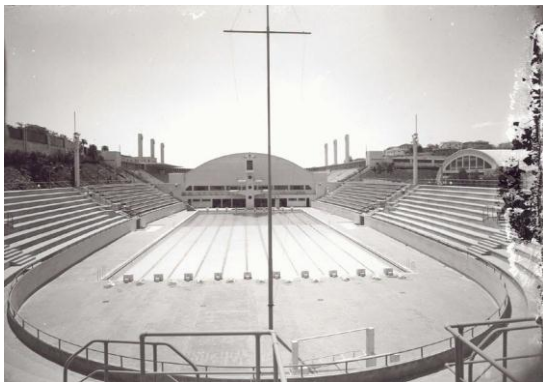


**Figura 23-** Concha Acústica Estádio do Pacaembu.  
**Fonte:** Acervo da Biblioteca da FAU/USP.



**Figura 24-** Enfermaria do Estádio do Pacaembu.  
**Fonte:** Acervo da Biblioteca da FAU/USP.

O conjunto esportivo ocupava uma área de 14.476 metros quadrados, tendo, ao centro, um campo de futebol com dimensões de 106 x 69 circundado por uma pista de atletismo de 400 metros de comprimento. (ACRÓPOLE, 1939, p.8) No contorno da arena central, foram construídos o ginásio, a piscina e as quadras de tênis. O ginásio abrigava uma área de 60 x 42, com capacidade para 3500 expectadores, sendo um espaço destinado às competições de ginástica, hóquei, basquete, vôlei, patinação, boxe e futsal, além de receber festas. (ACRÓPOLE, 1939, p.9) A piscina foi projetada no formato retangular com a medida de 50 x 25 e a profundidade de 1,5 X 5, onde se localizava a plataforma de salto ornamental. Sua arquibancada também tinha um formato de ferradura e abrigava até 4500 expectadores. (ACRÓPOLE, 1939, p.9) Foram construídas duas quadras de tênis, uma fechada e outra ao ar livre. A quadra fechada tinha como medidas 42,70 x 42,87 e capacidade para 1500 pessoas, já a quadra ao ar livre também comportava 1500 pessoas e possuía camarotes, bar e vestiários. (ACRÓPOLE, 1939, p.10)



**Figura 25-** Piscina do Estádio do Pacaembu.  
**Fonte:** Acervo da Biblioteca da FAU/USP.



**Figura 26-** Quadra de Tênis do Estádio do Pacaembu.  
**Fonte:** Acervo da Biblioteca da FAU/USP.

Em suma, o estádio possuía cinco entradas e quatro séries de bilheterias no lado norte, nas porções leste e oeste encontravam-se nove entradas de cada lado e diversas séries de bilheterias e no lado sul uma entrada e duas séries de bilheterias, tendo como capacidade máxima 80 mil pessoas. (ACRÓPOLE, 1939, p.11)

A construção do Estádio Municipal do Pacaembu foi finalizada no início de 1940, organizando-se para, sua inauguração, uma cerimônia imponente.

#### 4 CAPÍTULO 3 O PACAEMBU: BAIRRO E ESTÁDIO COMO SÍMBOLOS DE UMA NOVA SOCIABILIDADE?

O discurso do presidente Getúlio Vargas na inauguração do Estádio Municipal do Pacaembu transcrito no Jornal O Estado de São Paulo, em 28 de abril de 1940, revela o impacto daquela construção naquela época. Em uma das passagens, Vargas define o Pacaembu como “um monumento que representava um marco da grandeza de São Paulo a serviço do Brasil” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1940, P.8). Analisando as motivações para a construção do Pacaembu percebe-se que as palavras do presidente, na cerimônia, condizem com a expectativa expressa durante os processos de sua idealização e construção, pois este novo estádio era fruto de uma gama de fatores políticos, econômicos e sociais, que mobilizaram setores públicos e privados, cada um com uma pretensão distinta, mas convergentes no que diz respeito à sua materialização.

Desta forma, o Estádio Municipal não era visto apenas como um complexo esportivo adequado à dimensão que o esporte conquistava no Brasil, podendo ser analisado como um objeto político, o qual, por exemplo, em sua arquitetura, influenciada pelo Estádio Olímpico de Berlim, expressava uma legitimação do poder de Vargas. A maior parte da construção e a consequente inauguração aconteceu durante o Estado Novo, período político caracterizado pela centralização do poder, instaurando-se a ditadura varguista, de tendência nacionalista. O autor João Fernando Ferreira coloca que o projeto político do regime de Vargas direcionou-se para a intervenção em diversas esferas da vida social, e seus ideólogos viam nos esportes, sobretudo pelo envolvimento das massas, um meio eficaz de manipulação e controle (FERREIRA, 2008, p.20). O livro **Beleza em Jogo**, de Monica Raissa Schpun, afirma:

“Os esforços canalizados para o crescimento do país provêm de anseios nacionalistas de construir uma imagem de prosperidade em relação ao estrangeiro. Nesse contexto o esporte torna-se o cartão de visitas do Brasil. As vitórias simbolizam uma população jovem, forte e vitoriosa.” (SCHPUN, 1999, p. 48).

Ainda nesse cenário destacou-se a imprensa como uma importante aliada do governo na ratificação da imagem desse novo país, haja a vista a influência que o mesmo exercia nos meios de comunicação da época.

Afora essas dimensões já apresentadas, pode-se notar que o estádio pode ser pensado como um “objeto de desejo da iniciativa privada”, pois a Cia City, com essa obra, conseguiu valorizar os terrenos do bairro do Pacaembu realizando negócios imobiliários proveitosos, efetivando e acelerando o processo de urbanização do local, atraindo melhorias nos setores de transporte e energia e propiciando o aumento da pavimentação das ruas.

Outra interpretação possível é a do Pacaembu como um “objeto cultural”, pois assim como foi pensado em seu projeto, em seus espaços ocorriam eventos de características distintas, das competições esportivas e comícios políticos aos espetáculos de dança e festividades mais particulares.

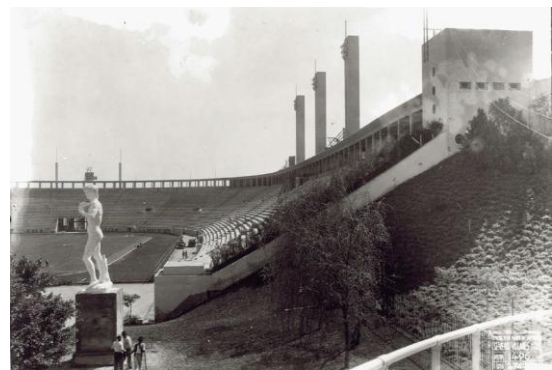
A construção do Estádio do Municipal tornou-se um atrativo da cidade de São Paulo, sobretudo do bairro do Pacaembu, que em decorrência desta obra acabou sofrendo modificações em sua estrutura, inclusive, gerando uma maior circulação de pessoas na região principalmente quando aconteciam os grandes eventos no estádio.

#### 4.1 A Inauguração do Estádio Municipal do Pacaembu

Segundo João Fernando Ferreira, mais que uma cerimônia de inauguração, a apresentação do novo estádio à sociedade consistia na afirmação de um estado diante dos demais, e de um país diante de seus vizinhos sul-americanos (FERREIRA, 2008, p.76). Ou seja, por meio deste evento que apresentaria o Estádio Municipal, São Paulo se fazia crer símbolo do desenvolvimento econômico de um país, colocando-se como um modelo a ser seguido tanto em âmbito nacional, quanto internacional. Além disso, ao levar em conta o momento político que o Brasil atravessava, no qual o presidente Vargas desejava legitimar uma política nacionalista, a monumentalidade do estádio, aliada a uma impactante inauguração, reforçava as concepções do regime instituído, demonstrando o desenvolvimento brasileiro.



**Figura 27-** Vista do Complexo do Pacaembu.  
**Fonte:** Acervo da Biblioteca da FAU/USP.



**Figura 28-** Vista da Monumentalidade do Estádio.  
**Fonte:** Acervo da Biblioteca da FAU/USP.

As festas inaugurais do Estádio Municipal do Pacaembu tiveram uma extensa cobertura pela imprensa brasileira, com destaque para o jornal o Estado de São Paulo que, naquela época, estava sob intervenção estadonovista. (FERREIRA, 2008, p.75). Entretanto, outros importantes jornais da época como A Gazeta e a Folha da Manhã também abordaram este

evento já na semana precedente à inauguração, criando enorme expectativa na população. A municipalidade procurava utilizar esse meio de comunicação para orientar a população acerca das modificações que iriam ocorrer na cidade durante o período, inclusive indicando como seria o trânsito:

“Realizando-se no dia 27 do corrente a inauguração do Estádio Municipal do Pacaembu, a Diretoria do Serviço de Trânsito, tendo em vista a melhor conveniência do público, organizou o seguinte plano de serviço relativamente aos veículos que vão conduzir passageiros àquele local.

#### **Autos Oficiais**

Os automóveis oficiais entrarão pelas ruas General Olímpio da Silveira, Tupi, Dr. Cândido Espinheira e Pacaembu, lado par, até o portão da Tribuna, situado à Rua Itaí. (“Diretoria do Serviço de Trânsito. Instruções para o serviço de veículos durante a inauguração do Estádio Municipal”, in: *A Gazeta*, 26/04/1940).”

Os jornais também eram utilizados para instruir os participantes e o público que compareceriam ao Pacaembu sobre os preparativos:

“A Diretoria de Esportes do Estado de São Paulo, que está organizando o importante desfile inaugural, determinou as seguintes instruções, para o conhecimento dos interessados: às 13 horas: Saída das sedes de seus clubes, de tal forma que às 13,30 horas estejam nos pontos de concentrações dos diversos agrupamentos” (“A organização do desfile”, in: *A Gazeta*, 25/04/1940, p.11).

De acordo com Ferreira, a municipalidade divulgou na época uma série de medidas com as quais a iniciativa privada deveria se comprometer. Uma delas foi o abatimento dos preços das passagens ferroviárias, o que permitiu o deslocamento de pessoas vindas de outras localidades que iriam participar ou assistir o evento. (FERREIRA, 2008, p.76) Outra iniciativa tomada no período pela Diretoria Geral de Esportes do Estado de São Paulo (Deesp) foi a de proibir atividades esportivas na cidade nos dias em que se realizariam as competições relativas às comemorações da inauguração do Estádio Municipal. Este cenário vivido na Pauliceia mostrava a mobilização criada em torno do evento de inauguração do novo estádio, o que permite perceber que além de ter modificado o cotidiano da capital paulista, também provocou grande interesse nacional, sobretudo para o governo Vargas, que via o seu sucesso como reflexo do regime político brasileiro, e, com especial caráter: em terras paulistas.

Em meio à organização das festividades, aconteceu a divulgação do calendário esportivo que seria adotado do dia 28 de abril ao dia 12 de maio, com inúmeras atrações que não seriam restritas apenas ao Pacaembu. Segundo a programação do catálogo:

“Dia 28/04 - Futebol, natação, boxe e esgrima; dia 29/04 – bola ao cesto e esgrima ; dia 30/04 – futebol, esgrima e bola ao cesto; dia 1/05 – tênis, bola ao cesto e voleibol; dia 2/05 – tênis e bola ao cesto; dia 3/05 – tênis e bola ao cesto; dia 4/05 – tênis, natação e boxe; dia 5/05 – futebol e hipismo ( Jockey Club); dia 7/05 – hipismo; dia 9/05 – pólo ( Sociedade Hípica Paulista); dia 11/05 – hipismo e iatismo

(Yacht Club Riviera); dia 12/05 – handeball, corrida de automóveis e corrida de motocicletas ( Autódromo de Interlagos)” ( Catálogo de festejos inaugurais do Estádio Municipal do Pacaembu, 27/04/1940, p.32).

Além dos brasileiros, delegações de esportistas de outros países foram convidadas para participarem do evento. Entre os países que tinham o maior número de pessoas estavam a Argentina, o Uruguai e o Chile, porém, existiam representantes de outros países sul-americanos e até da Europa:

“Especialmente convidados pela Diretoria de Esportes deverão comparecer aos jogos do Estádio do Pacaembu os seguintes esgrimistas estrangeiros: Rodolpho Valenzuela, argentino, competidor olímpico em 1936 (florete); Stefan Rosenbauer, alemão, componente da turma que obteve a 3ª colocação das Olimpíadas de 1936 (florete, espada e sabre); Thomaz C. Teixeira Gomes, português, campeão carioca em 1936, 1938 e 1939 (florete e espada)” (“A Inauguração do Estádio do Pacaembu”, in: A Gazeta, 24/04/1940, p.8).

Ficou evidente, também, o alto nível das competições que se realizariam no Pacaembu analisando o histórico dos esportistas, os quais muitos já haviam participado das Olimpíadas e eram campeões continentais ou nacionais. Além dos esgrimistas, podem-se destacar a equipe uruguaia de bola ao cesto masculina, que venceu os jogos contra o clube Esperia, o selecionado paulista e a Seleção Brasileira, voltando invicta ao seu país (A GAZETA, 1940); as competições de natação que contavam com nadadores como Jorge Berroeta, campeão sul americano dos 100 metros peito, e Carlos Sos, campeão argentino da mesma modalidade. (A GAZETA, 1940) Destaca-se, ainda, a figura de uma das principais nadadoras já existentes no Brasil, Maria Lenk, que participou das provas de algumas modalidades.

O futebol, principal esporte do Brasil já naquela época, foi uma das atrações das festividades. Não aconteceram jogos entre seleções, pois não vieram delegações de futebol para o Brasil, e, sim, dois amistosos entre equipes brasileiras. O primeiro jogo foi entre Palestra Itália, vice-campeão paulista de 1939 e Coritiba Football Club, campeão paranaense, e, o segundo, marcava o duelo entre os tri-campeões estaduais Sport Club Corinthians Paulista e Clube Atlético Mineiro. (FERREIRA, 2008, p.89)

A imprensa paulista tratava os jogos com grande expectativa mostrando que os confrontos não seriam fáceis para os times paulistas:

“Longe, muito longe, vão os tempos em que, falando-se de uma partida interclubes, na qual intervinham quadros representativos de São Paulo, Paraná e Minas Gerais, os adeptos do futebol logo exclamavam, convictos:

\_ Qual! Esse jogo os paulistas vencerão facilmente”. (“Dois jogos interestaduais de grande atração”, in: A Gazeta, 24/04/1940, p.8).

Ainda segundo a imprensa paulista, as disputas mais acirradas eram fruto do intercâmbio do futebol de São Paulo com os outros estados brasileiros:

“Quantas vezes clubes nossos tem ido negociar jogadores naqueles estados? E ainda domingo último o Corinthians não nos apresentou uma revelação, o seu no arqueiro Zico, que acaba de vir do Paraná? Hoje em dia, portanto, qualquer confronto entre agremiações paulistas, paranaenses e mineiras é, sempre, uma incógnita e o resultado final constitui, fatalmente, um ponto de interrogação”. (“Dois jogos interestaduais de grande atração”, in: A Gazeta, 24/04/1940, p.8).

O segundo confronto entre Corinthians e Atlético Mineiro terminou com um novo triunfo dos paulistas, pelo o placar de 4 a 2. A imprensa revelou que esse jogo, diferentemente do primeiro, foi de melhor qualidade técnica:

Corinthians e Atlético Mineiro apresentaram um futebol bem mais técnico e vistoso que a partida anterior. A chuva que caiu pouco antes do início da preliminar, prejudicando as condições do gramado, não impediu que os dois times tivessem uma excelente atuação, como a muito não se via. (“As primeiras partidas no Gigante de concreto armado”, in: Diário Popular, 28/04/1940, p.9).

Os dois jogos atraíram grande público, levando ao Pacaembu, aproximadamente, 40 mil pessoas. Além disso, as partidas são célebres por serem as primeiras transmitidas pelo rádio no Estádio Municipal do Pacaembu.(FERREIRA, 2008, p.89)

Apesar da extensa programação esportiva elaborada na cidade em função das festividades, a cerimônia inaugural pode ser considerada o grande ápice deste evento. Mais que o sucesso de um desfile, esta cerimônia era encarada pelo regime como um meio eficaz de controle social, sendo o esporte utilizado como um instrumento agregador das massas objetivando o estabelecimento de uma disciplina de controle corporal e mental do povo. (FERREIRA, 2008, p.78)

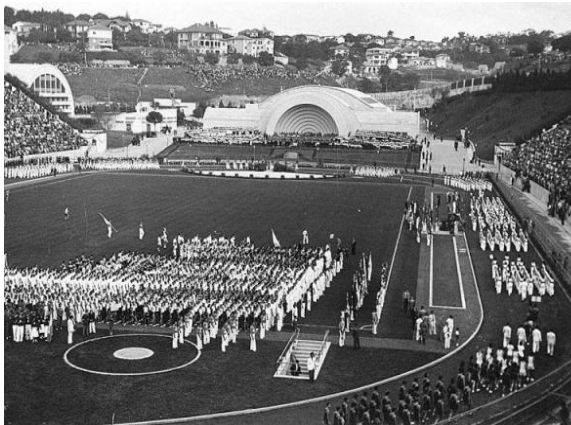
## **4.2 O Desfile Inaugural**

O desfile inaugural do Pacaembu refletiu o contexto político vivido no país, em 1940. Nessa época o regime era o estadonovista, de característica ditatorial, marcado pela centralização do poder, controle dos sindicatos e dos trabalhadores, repressão política, anticomunismo e de inspiração fascista. Em paralelo à situação política nacional ocorria a Segunda Guerra Mundial, evidenciando ainda neste período a supremacia da Alemanha no continente Europeu com advento do Nazismo. Na Itália, a política em vigência era a Fascista e em conjunto com a alemã serviram de referência mesmo que discreta, ao regime político brasileiro instituído em 1937. Assim como o Nazismo e o Fascismo, o Estado Novo de Vargas valorizava o nacionalismo e a construção da imagem de um país jovem, forte e com

cidadãos disciplinados, e o desfile de inauguração de uma das maiores construções nacionais daquela época deveria refletir essa ideia. Diante disso, é estabelecida uma série de normas que deveriam ser seguidas durante o evento. Os participantes julgados com as disposições mais adequadas seriam premiados:

“Visando premiar os que realmente se esforçarem para o realce do desfile a Deesp instituirá prêmios as representações tanto do interior como da capital, e civis e militares que melhor satisfizerem os seguintes requisitos: a) disciplina; b) apresentação do uniforme; c) atitude em marcha ou parado; d) aspecto de conjunto. (“15.000 esportistas em desfile”, in: Folha da Manhã, 27/04/1940, p.19).

De acordo com Ferreira, o cenário proposto no desfile de abertura do Estádio Municipal deveria ser a imagem de como cidadão brasileiro se apresentaria diante das demais nações, ou seja, como um povo harmônico, coeso e unido. (FERREIRA, 2008, p.79)



**Figura 29-** O Desfile Inaugural.  
Fonte: [www.memoriafutebol.com.br](http://www.memoriafutebol.com.br)



**Figura 30-** Marcha de Participantes do Desfile.  
Fonte: Acervo Estado de São Paulo.

O jornal Folha da Manhã de 27 de abril de 1940, dia da inauguração, revelou em detalhes a programação que aconteceria. Antes de descrever a sequência da solenidade que ocorreu nas dependências do Estádio Municipal, o Jornal citou que chegaria uma bandeira nacional do Rio de Janeiro, oferecida pelo Fluminense Football Club, presenteando o Pacaembu, simbolicamente, com uma bandeira do primeiro estádio construído no país, o Estádio das Laranjeiras, do próprio clube. (FOLHA DA MANHÃ, 1940, p.19) Essa homenagem realizada pelo Fluminense dimensiona o impacto dessa obra, sendo a construção do Pacaembu não apenas símbolo do desenvolvimento econômico paulista e, sim, um marco da modernização do país que procurava evidenciar o potencial da nação em busca de afirmação.

Dentro do Estádio primeiramente chegaram às autoridades:

Será o primeiro fato passado dentro do estádio, constando isso uma homenagem aos Governos da União, de São Paulo e do Município da Capital, pela realização dessa grande obra – O Estádio Municipal. Assinará uma salva de 21 tiros de



morteiros, hino nacional, e simultaneamente a elevação das bandeiras que circundam a inarqueze do Estádio. (“Sequência que será observada durante a festa de inauguração do Estádio”, in: Folha da Manhã, 27/04/1940, p.19).



**Figura 31-** Capa Folha da Manhã no dia da inauguração.  
**Fonte:** Acervo Folha de São Paulo.

Em sequência foram organizadas as colunas para o desfile:

Todas as representações desportivas para o desfile deverão conter o maior número de esportistas, bem uniformizados para que seja um reflexo da solenidade, que ficará gravada na história esportiva e cívica do Brasil. Cada representação terá um lugar determinado na formatura localizada ao longo da Avenida Pacaembu e adjacências. (“Sequência que será observada durante a festa de inauguração do Estádio”, in: Folha da Manhã, 27/04/1940, p.19).

Após esta etapa aconteceu o desfile e como descrito pelo Jornal Folha da Manhã preservou-se durante a apresentação a disciplina:

Formada a coluna, haverá o desfile perante as autoridades, como uma homenagem que lhes prestam os esportistas brasileiros. Os esportistas que fizerem jus ao Distintivo da Mocidade deverão vir em uniforme branco (camisas sem mangas para moças e com mangas para homens; sapato e calção brancos). As representações estrangeiras e dos outros estados formarão a testa da coluna. Os esportistas uniformizar-se-ão de acordo com as modalidades esportivas. Os que usarem agasalho irão na retaguarda de cada representação, deixando os que vão de camisa e calção na frente.

Uma banda militar postada diante do microfone puxará todo o desfile. A distância entre uma representação e a outra será de 10 passos no desfile. As representações marcharão pela pista, do lado da tribuna de honra e quando chegar cada qual a altura da primeira bandeirola vermelha, assim será comandado pelo chefe de cada uma: Tietê ou tal Federação de..., em seguida dará o primeiro silvo de

apito que significará sentido! E depois um segundo silvo que corresponde a olhar à direita. O olhar à direita deverá ser feito com energia, e cabeça bem voltada para esse lado, continuando o movimento de braços como na marcha. (“Sequência que será observada durante a festa de inauguração do Estádio”, in: Folha da Manhã, 27/04/1940, p.19).

Com todos a postos no campo do Estádio Municipal o prefeito de São Paulo faria um discurso:

“O senhor prefeito discursará oferecendo o Estádio Municipal a todos esportistas brasileiros. Em seguida haverá a soltura de pombos correio que levarão pelos céus do Brasil a notícia da inauguração do maior Estádio da América do Sul.” (“Sequência que será observada durante a festa de inauguração do Estádio”, in: Folha da Manhã, 27/04/1940, p.19).

Em seguida a bandeira nacional seria conduzida pelo Pacaembu:

“Todos que estão no campo acompanharão com seus olhares a bandeira nacional pela pista, voltando-se constantemente para ela até que atinja a frente para a pira, localizada nas arquibancadas do lado oposto ao da Tribuna oficial. Dessa forma todas as representações ficarão com a frente para pira e de costas para tribuna oficial. A tocha e a bandeira nacional conduzida pelos homens representando os estados do Brasil é levada para junto do mastro correspondente. Acesa a pira pela a tocha olímpica, estará então a bandeira nacional trazida do Rio em condições de ser içada.” (“Sequência que será observada durante a festa de inauguração do Estádio”, in: Folha da Manhã, 27/04/1940, p.19).

O momento em que a bandeira nacional foi içada no estádio é carregado de simbolismo:

“O pessoal do campo está todo virado para a bandeira e na posição de sentido, a bandeira que já se acha pronta é içada. Neste momento a grande orquestra toca o hino nacional e o Corpo Coral cantai-o. Haverá uma salva de 21 tiros de morteiro. O pessoal em forma conserva-se fitines [sic]. A bandeira nacional de dentro do campo desfralda-se. As bandeiras dos clubes são elevadas com ambos os braços em seguida vão abaixando lentamente, guiando esse movimento pela direita até encostar as bandeiras no solo, significando o beijar o solo pátrio e nessa atitude se mantém até acabar o hino nacional.” (“Sequência que será observada durante a festa de inauguração do Estádio”, in: Folha da Manhã, 27/04/1940, p.19).

No juramento dos atletas participantes do evento podem-se identificar os valores do regime estadonovista que estava em vigência no país. Além de toda a uniformidade nas vestimentas e na execução dos movimentos necessários, os esportistas deveriam proferir as seguintes palavras:

“Incorporando-me à falange desportiva – juro dedicar-me com devotamento – lealdade e disciplina – praticando e difundindo – a educação física desportiva – colaborando com todas as minhas energias para fazer do Brasil uma nação forte – de respeitar os regulamentos que nos regem – e cumprir rigorosamente as ordens que receber – de executar mesmo com o sacrifício dos próprios interesses – e com espírito alegre e cavalheiresco – concorrendo para a formação de nosso tipo – corpo e alma – tão viris quando nobres – pela glória – defesa – e dignidade – do esporte – e do Brasil”. (“Sequência que será observada durante a festa de inauguração do Estádio”, in: Folha da Manhã, 27/04/1940, p.19).

Ao término do juramento dos atletas aconteceu uma homenagem aos esportistas paulistas que receberam do interventor federal o distintivo da mocidade paulista. Ainda durante o desfile ocorreu o brado olímpico ao Brasil, no qual os atletas gritavam o nome do país ao comando do dirigente geral do evento. (FOLHA DA MANHÃ, 1940, p.19) Por fim, mais uma vez em movimentos sincronizados, os atletas foram conduzidos à parte da arquibancada destinada para assistirem o restante da cerimônia.

### **4.3 As Comemorações do IV Centenário de São Paulo**

Em 1954 comemorou-se na cidade de São Paulo o seu IV centenário. As festas não aconteceram no dia da fundação da cidade, 25 de janeiro, e sim entre os dias 9 e 11 de julho, data marcada pelo simbolismo do 22º segundo aniversário da Revolução Constitucionalista de 1932.

O Estádio Municipal do Pacaembu foi um dos palcos para as festividades e recebeu um evento denominado “O Grande Circo” organizado pela Associação das Emissoras de Rádio de São Paulo (AESP). Segundo o Jornal Folha da Manhã a programação era a seguinte:

“9 Horas – “Grande Circo” realizado no Pacaembu constando de:

- a) bandas de música;
- b) 50 palhaços;
- c) 8 circos em 4 picadeiros, dentro do estádio e 1 picadeiro na esplanada na entrada do mesmo, trabalhando simultaneamente;
- d) demonstração de cães amestrados;
- e) partida de futebol entre dois times de palhaços
- d) demonstração de ginástica rítmica e halterofilismo. (“Último dia de festa”, in: Folha da Manhã, 11/071954, p.11)”

O evento atraiu, segundo o Jornal Folha da Manhã, 50.000 crianças e 25.000 adultos divertindo os presentes com várias atrações simultâneas:

“Enquanto cinquenta palhaços apresentaram variados números de humorismo, que provocaram muito riso, os três globos da morte proporcionaram momentos de grande emoção. Demonstrações de ginástica rítmica e halterofilismo, bem como evoluções em trapézios foram também proporcionados aos presentes” (...) “A partida de futebol entre dois times de palhaços, um representando o rádio e o outro a televisão, constituiu o ponto alto da festa. Durante cerca de vinte minutos esses dois quadros constituídos cada um com vinte e três jogadores proporcionaram momentos inesquecíveis aos presentes”. (“Grande Circo”, in: Folha da Manhã, 13/071954, p.8).



**Figura 32-** Público presente no Grande Circo  
**Fonte:** mariolopomo.zip.net

Ainda durante a festa, as bandas da força pública e da C.M.T.C. tocaram algumas marchas militares ao público que acompanhava a apresentação com as bandeiras do Brasil e de São Paulo. (FOLHA DA MANHÃ, 1954, p.8) Naquela época, Getúlio Vargas estava em sua segunda passagem na presidência, e mesmo o período não sendo o estadonovista, caracterizado pelo militarismo, percebe-se essa influência, haja vista a demonstração militar paralela à apresentação infantil. O nacionalismo e o regionalismo também se faziam presentes diante das bandeiras que o público exibia, contudo, a exaltação de São Paulo frente ao Brasil e, sobretudo, a Vargas, era um ponto crucial das comemorações do IV Centenário da cidade, haja vista a data escolhida para os festejos que homenageavam a Revolução de 32, a qual o presidente Vargas em seu primeiro mandato combateu os paulistas que estavam insatisfeitos com seu governo.

No Estádio Municipal do Pacaembu ocorreu também a final do Campeonato Paulista de 1954, evento que estava inserido no calendário dos festejos dos 400 anos da cidade, porém o jogo foi realizado em fevereiro de 1955, consagrando o Sport Club Corinthians Paulista campeão.

#### **4.4 A Copa de 1950**

O Estádio Municipal do Pacaembu era uma das sedes da Copa do Mundo de 1950 realizada no Brasil. O Pacaembu recebeu seis jogos do mundial e aproximadamente um público de 180 mil pessoas durante as partidas. Destacaram-se, principalmente, os jogos das Seleções da Itália e da Espanha que receberam públicos maiores que a Seleção Brasileira. A grande quantidade de imigrantes e descendentes de espanhóis, mas, sobretudo de italianos,

que residiam em São Paulo explicava o enorme interesse por esses jogos, inclusive foram determinantes para que essas seleções estrangeiras realizassem seus jogos na cidade:

### Jogos sediados no Estádio Municipal do Pacaembu

| Data (1950) | Horário | Time #1 | Res. | Time #2  | Fase       | Expectadores |
|-------------|---------|---------|------|----------|------------|--------------|
| 25/06       | 15:00   | Suécia  | 3-2  | Itália   | Grupo 3    | 50.000       |
| 28/06       | 15:00   | Brasil  | 2-2  | Suíça    | Grupo 1    | 42.000       |
| 02/07       | 15:00   | Itália  | 2-0  | Paraguai | Grupo 3    | 26.000       |
| 09/07       | 15:00   | Uruguai | 2-2  | Espanha  | Fase Final | 44.000       |
| 13/07       | 15:00   | Uruguai | 3-2  | Suécia   | Fase Final | 8.000        |
| 16/07       | 15:00   | Suécia  | 3-1  | Espanha  | Fase Final | 11.000       |

[www.fifa.com](http://www.fifa.com)

A estréia da Seleção Italiana diante da Suécia registrou o maior público do Pacaembu no mundial, com aproximadamente 50 mil pessoas. Apesar da interrupção do evento esportivo por mais de uma década por causa da Segunda Guerra Mundial, a Itália havia conquistado os últimos dois títulos do torneio, em 1934 e 1938, porém, acabou sendo derrotada pelos suecos, o que surpreendeu os expectadores no estádio.

Três dias depois, o Brasil realizou sua única partida no Pacaembu, enfrentando a Suíça. O Jornal Folha da Manhã evidenciava a expectativa de um bom público para a partida da seleção:

“O público aguarda com grande interesse esse cotejo, principalmente porque será esta a única apresentação dos nacionais em São Paulo na atual fase do certame em disputa da taça Jules Rimet. Apesar de tratar-se de um dia comum, numeroso público deverá comparecer ao Pacaembu prevendo-se máximo uma arrecadação superior a 800.000 cruzeiros” (“Às 12 horas no Pacaembu”, in: Folha da Manhã, 28/06/1950, p.2).



**Figura 33-**Seleção Brasileira de 1950 no Pacaembu  
Fonte: [cacellain.com.br](http://cacellain.com.br)



**Figura 34-**Jogo entre Suécia x Espanha  
Fonte: [globoesporte.globo.com](http://globoesporte.globo.com)

O jogo acabou empatado, prejudicando a situação do Brasil no grupo, que dependia de uma vitória no último jogo da primeira fase para se classificar:

“Nova surpresa registrou-se na atual fase do IV Campeonato Mundial de Futebol. O Brasil, franco favorito da contenda de ontem contra a Suíça, foi surpreendido com um empate por dois tentos. A Iugoslávia, que ontem derrotou o México, com o resultado verificado no Pacaembu passou a ocupar, isolada, o primeiro posto do grupo. Portanto no Prélío de sábado no Rio, contra os brasileiros, bastará um simples empate, para que a Iugoslávia seja a referida campeã do grupo”. (“Os Brasileiros precisam vencer a Iugoslávia para serem semifinalistas”, in: Folha da Manhã, 29/06/1950, p.6).

#### 4.5 O Pan-Americano de 1963

Com o objetivo de promover a união dos povos da América por meio do esporte amador, os Jogos Pan-Americanos de São Paulo aconteceram em meio às tensões da Guerra Fria que polarizava o mundo em dois sistemas: o capitalismo e o comunismo. Dois países que rivalizavam politicamente e a menos de um ano dos jogos de São Paulo, foram os principais envolvidos em um episódio emblemático desse período, a crise dos mísseis, participariam desse evento e desde a cerimônia inaugural já esquentavam o clima dos jogos. Enquanto os americanos já possuíam a admiração dos brasileiros, não apenas pelo destaque no cenário esportivo internacional, mas também pelas relações estabelecidas com o Brasil nas áreas políticas e culturais, os cubanos tentaram conquistar o público presente no Estádio Municipal do Pacaembu, ao adentrar no desfile com bandeiras do país anfitrião:

“Os canadenses com seus casacos vermelhos, os chilenos com uniformes azuis não deixaram de merecer aplausos que cresceram assustadoramente, quando surgiu a delegação de Cuba que teve uma atitude expressiva, ao passar pelas orais todos os membros da comitiva agitaram pequenas bandeiras brasileiras que carregavam nos bolsos” (“Antilhas primeiro”, in: Folha de São Paulo, 21/04/1963, p.11).

Esse cenário deu início aos IV Jogos Pan-Americanos, que contou com a participação de 21 países, disputando 22 modalidades. Contudo, alguns países não puderam enviar suas delegações, no caso da República Dominicana a dificuldade foi a falta de recursos financeiros:

“Embora não vá participar efetivamente dos IV Jogos Pan-Americanos porque o governo encontrou dificuldades de ordem financeira para custear a viagem dos cem atletas selecionados, a República Dominicana enviou ontem um delegado que a representará no congresso do certame” (“Os dominicanos só mandam do delegado; os venezuelanos perdem cotação no baseball”, in: Folha de São Paulo, 17/04/ 1963, p.35).

Intitulado como as Olimpíadas da América, o Pan-Americano não mobilizou apenas os paulistas que tiveram a oportunidade de receber os jogos, mas todo o país, haja vista o cerimonial que começou com a passagem da “tocha olímpica” por cidades brasileiras:

“Depois de percorrer 1.200 quilômetros (partiu de Brasília domingo, chega hoje as 14 horas a São Paulo, a tocha olímpica dos IV Jogos Pan-Americanos)” (“Começa o Pan: paulista só se vê outro em cem anos”, in: Folha de São Paulo, 19/04/1963, p.11).

O Jornal Folha de São Paulo revelou “a capacidade realizadora e criadora do povo brasileiro” para que acontecessem os jogos, além de ressaltar a dimensão do evento, que teve sua cerimônia de abertura no principal palco esportivo público da cidade, o Estádio Municipal do Pacaembu:

“Com tudo pronto para promover os Jogos, São Paulo presenciará amanhã, a partir das 15 horas, no estádio do Pacaembu, o maior evento de toda a vida esportiva brasileira, e que deverá repetir-se apenas no próximo século.” (“Começa o Pan: paulista só se vê outro em cem anos”, in: Folha de São Paulo, 19/04/1963, p.11).

A programação da cerimônia inaugural era:

“As impressionantes cerimônias de abertura dos IV Jogos Pan-Americanos começarão com evoluções da esquadilha da fumaça da FAB e execuções musicais das bandas da 4ª zona aérea, 4º RI, Força Pública e Guarda Civil.

As 15h50 chegará ao estádio o governador Adhemar de Barros e das 15h55 às 16h30 as delegações inscritas desfilarão em pista do Pacaembu.

Às 16h38 o major Silvio de Magalhães Padilha, presidente da comissão organizadora, dará boas vindas aos atletas; às 16h44min o governador do estado proclamará a abertura dos jogos.

Seguir-se-ão outras cerimônias, até as 17h09, quando o cestobolista brasileiro Amauri Passos pronunciará o juramento do atleta. A abertura dos jogos terminará às 17h50.” (“Começa o Pan: paulista só se vê outro em cem anos”, in:Folha de São Paulo, 19/04/1963, p.11).



**Figura 35-** Desfile de Inauguração Jogos Pan-americanos, 1963.

**Fonte:** [esportesterra.com.br](http://esportesterra.com.br)



**Figura 36-** Desfile de Inauguração Jogos Pan-americanos, 1963.

**Fonte:** [esportesr7.com](http://esportesr7.com)

A Tocha olímpica antes de chegar ao Pacaembu percorreu um trajeto pela cidade iniciado no monumento do Ipiranga:

“A pira olímpica será acesa precisamente as 17horas. Contudo, desde as 15h30 ela movimentará atletas. Saindo dessa hora no Monumento do Ipiranga, a tocha será carregada por consagrados atletas. (“Tocha Olímpica chega às 14 horas de hoje”, in: Folha de São Paulo, 19/04/1963, p.11).

Para o Brasil, os Jogos Pan-Americanos, era uma oportunidade de demonstrar a capacidade do país diante das outras nações, sendo assim, a cerimônia de abertura não foi apenas uma demonstração da confraternização dos países envolvidos no evento, mas, sim, uma solenidade de importância política, com a participação das autoridades brasileiras, com demonstrações militares, procurando exaltar a força do país e com uma relevante presença do povo que lotou o Pacaembu:

“Declaro abertos os IV Jogos Pan-Americanos”, o governador Ademar de Barros Proclamou ontem no Pacaembu, perante 40 mil assistentes e 2800 atletas de 21 países das Américas, o início da maior e mais importante competição poli-esportiva que se efetua neste continente. (“Inicia-se o IV Pan-Americano”, in: Folha de São Paulo, 21/04/1963, p.1).

O jornal Folha de São Paulo revelou o acontecimento de alguns imprevistos durante a cerimônia, no entanto, os mesmos foram amenizados pelo próprio jornal que destacava a perfeição do desfile:

“Os IV Jogos Pan-Americanos, já em sua inauguração entraram no coração do povo. E fizeram de São Paulo uma cidade de pode orgulhar-se de sua capacidade realizadora. Tudo foi perfeito e para confirmar essa regra, houve uma exceção. A Esquadilha da Fumaça não pode fazer evoluções como estava previsto entre as 15 e as 16 horas quando os atletas entravam no campo.

Faltaram condições atmosféricas favoráveis para essas evoluções. Pretendeu substituir a Esquadilha, um helicóptero da FAB, mas de forma infeliz com o ruído de seu motor impediu que muito público ouvisse o coral quando executou o Hino Pan-Americano” (“Pacaembu lotado assistiu abertura do Pan”, in: Folha de São Paulo, 21/04/1963, p.11).

Ocorreram algumas invasões na cerimônia:

O povo acotovelava-se nos portões de entrada e ingressava sem ter adquirido bilhetes (“Antilhas primeiro”, in:Folha de São Paulo, 21/04/1963, p.11).

O Complexo do Pacaembu, além da abertura, recebeu algumas modalidades dos jogos como o atletismo, que teve como destaque no salto com vara o americano David Earnest Tork, que venceu a competição com marca de 4, 90 metros, mas ficou conhecido pela tentativa frustrada da quebra do recorde mundial da modalidade na época de 4,94 metros pela quebra da vara, causando tensão no Pacaembu:



“Anunciou-se que Earnest tentaria quebrar o recorde mundial – 4m94, do finlandês Pentti Nikula, e o silêncio do público do Pacaembu só foi quebrado por um baque seco, o esforço do atleta foi maior que a resistência da vara. O americano não se machucou mais o recorde continua com o finlandês.” (“A Vara foi quebrada o recorde não”, in:Folha de São Paulo, 05/05/1963, p.11).

A prova dos 200m rasos na pista do Estádio Municipal também empolgou o público pela situação inusitada dos três primeiros colocados chegarem juntos:

“A prova que empolgou o público foi a dos 200metros rasos com os três primeiros colocados registrando o mesmo tempo. Houve a necessidade do fotochart que acusou a vitória do venezuelano Rafael Romero Sandrea” (“O preço da Vitória”, in: Folha de São Paulo, 02/05/1963, p.17).

No Pacaembu ainda aconteceram às competições de natação e boxe que garantiram muitas medalhas para o quadro brasileiro. Além disso, o Estádio recebeu a final do futebol, registrando a primeira conquista brasileira desse esporte em Jogos Pan-Americanos. Contudo, destacou-se dentre os esportes ocorridos em seu espaço, o hipismo, disputado pela primeira vez no Pacaembu, e no dia do encerramento do Pan-Americano de São Paulo:

“A última prova do torneio de hipismo, a realizar-se no dia 5, pela manhã e a tarde, no Estádio o Pacaembu, será o fecho de ouro dos IV Jogos: o Grande Prêmio das Nações, onde cada cavaleiro monta duas vezes o mesmo cavalo sobre o mesmo percurso de manhã e a tarde, sendo considerado vencedor aquele que obter menor número de pontos perdidos nas duas passagens.” (“Encerramento”, in: Folha de São Paulo, 05/05/1963, p.11).

Após a competição ainda no Estádio do Pacaembu ocorreu a cerimônia de encerramento dos IV Jogos Pan-Americanos, com a presença, mais uma vez, dos atletas, dos organizadores e das autoridades, tendo como destaque a entrega da bandeira olímpica ao Canadá, sede dos jogos de 1967.

#### **4.6 Jogos universitários no Pacaembu: A MacMed**

Mais que cenário de Copa do Mundo, Jogos Pan-Americanos ou eventos políticos, o complexo do Pacaembu desde meados da década 1940, nos meses de setembro ou outubro era o principal palco da MacMed, jogos universitários em que competiam a Faculdade de Engenharia do Mackenzie e a Faculdade de Medicina de Pinheiros, da USP.

A Revista *Popeye* do Mackenzie da 44ª edição dos jogos, em 1979, revela como surgiu a MacMed:

“No ano de 1934, abordo de um navio com destino a Mar del Plata, um grupo de turistas brasileiros organizou um passatempo, um torneio de esportes. Este torneio foi disputado acirradamente e surgiu então uma rivalidade que perduraria até hoje, entre estudantes de engenharia e medicina que, coincidentemente participavam da viagem. Devido ao interesse despertado pela disputa, ao final da viagem estes

estudantes resolveram que o torneio, deveria ser repetido anualmente, denominando-o MacMed.” (“MacMed”, in:Revista Popeye, 04/1979, p.26).

Cumprindo a promessa firmada na viagem a Macmed teve sua primeira edição em setembro de 1935, sendo organizado por José Paulo Marcondes de Souza da Medicina de Pinheiros, e Fernando Souza Rocha, da Engenharia do Mackenzie. As modalidades disputadas foram futebol, bola ao cesto, voleibol, tênis, atletismo, natação, pólo aquático, xadrez e ping-pong, tendo como primeiro vencedor o Mackenzie pelo placar de 6x3. (POPEYE, 1979, p.26)

A MacMed surgiu em um contexto de afirmação da cultura esportiva em São Paulo, iniciada em fins do século XIX e início do XX com a prática de esportes como o críquete, o ciclismo e o futebol. Na década de 30, inclusive, ocorre a profissionalização do futebol que cada vez mais assumia o posto de principal esporte do Brasil, popularizando-se rapidamente. Menos de um ano após a primeira MacMed o Estádio Municipal do Pacaembu, fruto desse cenário, começou a ser construído e enquanto as obras eram desenvolvidas ano a ano a competição universitária crescia, sendo a capacidade do espaço físico das universidades insuficiente à dimensão do evento:

“O resultado foi surpreendente. A árvore cresceu de fato. Tão grande e numerosos são os seus frutos que já não se tem onde armazená-los. Em outras palavras, nosso público excede a capacidade dos locais em que se realizam as provas.” (“Relatando”, in: XVIII Macmed, 1952).

Dessa forma, o Pacaembu, no ano de sua inauguração, começou a receber a MacMed, elevando o status dos jogos e atraindo públicos ainda maiores, de crianças a idosos, (“Relatando”, in:XVIII Macmed, 1952). Porém, mesmo assim, sua dimensão não pareceu ser suficiente:

“A confirmação disto está em que a piscina e as quadras de tênis e bola ao cesto do Pacaembu se locupletam. E são as maiores que possuímos. Cumpre frisar que nenhuma outra prova de caráter nacional e amador, consegue metade disto” (“Relatando”, in: XVIII Macmed, 1952).

O Pacaembu recebia a maioria das competições da Macmed, entre elas, a natação, o pólo aquático, o salto ornamental, o tênis, o futebol, o voleibol, e a mais procurada que geralmente encerrava os jogos atraindo milhares de pessoas, o bola ao cesto ou basquetebol. O calendário da MacMed era composto, além das disputas esportivas, de dois bailes, um de abertura e, outro, de encerramento, o Pacaembu foi o local de alguns destes e atraía muitos interessados, como diz Luis Glicério, aluno do Mackenzie, que participou da MacMed de 1942 a 1946:

“Antes da competição nós fazíamos um baile ou no Paulistano ou no Pacaembu e como havia uma fiscalização muito grande da Prefeitura nos nossos talõezinhos, que

eram em número exato, havia uma urna aonde quem entrava depositava o talão. Daí o pessoal, como o Falzone, pegava os talões e vendia denovo lá fora. Então dava uma renda ótima. E esse baile era tradicional.” (“Mac-Med uma festa com 45 anos”, in: Revista Popeye, 04/1979, p.21).



**Figura 37-** Bola ao cesto no Ginásio do Pacaembu.  
**Fonte:** Acervo Mackenzie



**Figura 38-** Catálogo XVII MacMed.  
**Fonte:** Acervo Mackenzie

A dimensão da MacMed em pouco tempo tornou-se enorme atraindo a imprensa que divulgava o evento e patrocinava algumas modalidades como o atletismo e o futebol. Luis Glicério revelou:

“Aparecia muita gente de fora, haviam os jornais que faziam a divulgação. Havia o jornal “O Esporte”, a “Gazeta”, fazia muita divulgação o “Diário de São Paulo”, no começo.” (“Mac-Med uma festa com 45 anos”, in: Revista Popeye, 04/1979, p.21).

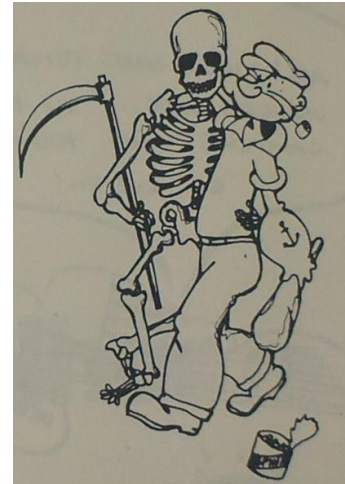
Além dos patrocinadores que ajudavam a estruturar os jogos, pessoas de outras regiões do Brasil e estrangeiros também vieram prestigiar a MacMed:

“Caravanas de universitários mineiros, cariocas e mesmo estrangeiros, como uruguaios, vindos especialmente para assisti-lá, a fim de tentar algo semelhante”. (“Relatando”, in: XVIII Macmed, 1952).

Por décadas o Pacaembu foi utilizado para as disputas entre o Popeye e a Caveira, mascotes do Mackenzie e da Medicina, respectivamente, que promoviam um dos maiores jogos universitários da América Latina, marcado não apenas na história das instituições, mas da cidade, haja vista os interesses e a mobilização que os jogos despertavam em diversas esferas da sociedade.



**Figura 39-** Torcida do Mackenzie no Ginásio do Pacaembu.  
**Fonte:** Acervo Mackenzie



**Figura 40-** Mascotes da MacMed  
**Fonte:** Acervo Mackenzie

#### **4.7 Pacaembu: um cenário político**

No projeto de construção do Pacaembu a questão política era uma das pautas mais relevantes. O novo estádio não era apenas uma praça de esportes surgida em função da falta de estrutura para as práticas e a consequente difusão de modalidades no Brasil, mas sim, objeto de promoção política e símbolo de modernidade do país. Dessa forma, o Estádio Municipal também possuía a finalidade de promover eventos políticos. Em 1944, o Pacaembu recebeu as comemorações do dia do trabalhador, evento que marcava a aproximação entre Vargas e o povo. Revestido de expectativa pelo anúncio de medidas em prol do trabalhador, milhares de pessoas foram ao Pacaembu, e assim como em São Januário, no Rio de Janeiro, local que tradicionalmente recebia o evento, ocorreram diversas manifestações cívicas de apoio e devoção a Vargas.

O Jornal folha da Manhã revelou detalhes da chegada do presidente para o evento no Pacaembu sendo recebido, ainda no aeroporto, por trabalhadores e autoridades:

“Cerca de 12h 30, entre uma verdadeira multidão que já se acotovelava nas redondezas do aeroporto, e procedentes dos bairros mais distantes da cidade, chegaram dois batalhões de guardas 2ª Região Militar que mais tarde prestaram ao Chefe de Governo as honras que lhe são devidas.” (“Vibrantes homenagens de São Paulo ao presidente Getúlio Vargas”, in: Folha da Manhã, 2/5/1944, p.2).

O início das festividades foi marcado por uma partida de futebol entre operários de São Paulo e do Rio de Janeiro. Após o jogo, o interventor da cidade, Fernando Costa, discursou

saudando o presidente Vargas e o operariado nacional que contribuíam para o crescimento econômico do país:

“Senhor Presidente da República, senhor Ministro do Trabalho e Operário de São Paulo. São Paulo tem a honra de receber no dia hoje, a visita honrosa de Vossa Excelência, o Senhor Presidente, para realizar, no coração da terra do trabalho, essa apoteose magnífica que simboliza a grandeza e a força econômica da pátria (...). De um lado, senhores, a força organizadora e protetora do trabalho, o Senhor presidente Getúlio Vargas, de outro lado, a força produtora do trabalho, o operariado nacional.” (“O Interventor Fernando Costa saúda o presidente Vargas”, in: Folha da Manhã, 2/5/1944, p.2).

Fernando Costa em seu discurso, ainda exalta a diretriz intervencionista de Vargas motivada pela preocupação de que as conveniências individuais se sobrepusessem aos interesses coletivos revelando que em sua administração política os problemas da organização e dignificação do trabalho sempre estiveram em evidência.



**Figura 41-** Comemoração do Dia do Trabalho no Pacaembu.

**Fonte:** [www.ludopedio.com.br](http://www.ludopedio.com.br)



**Figura 42-** Comemoração do Dia do Trabalho no Pacaembu.

**Fonte:** [www.ludopedio.com.br](http://www.ludopedio.com.br)

Após o discurso do interventor paulista, o ministro do Trabalho, Alexandre Marcondes Filho, também fez um pronunciamento exaltando Getúlio Vargas. Em suas palavras sobre São Paulo fica clara a apropriação de aspectos da história da cidade ligada aos bandeirantes para realizar uma “metáfora” em relação à atuação do trabalhador paulista de sua época:

“Senhor presidente:

O mais belo augúrio da vocação de São Paulo no destino da nacionalidade foi v.exa. quem a tempos proferiu. Depois de recordar a antiga epopéia das bandeiras, v. exa. afirmou que a maior glória de São Paulo devia consistir na atualidade como aconteceu no passado, em expandir-se dentro do Brasil, coeso e forte, porque tendo sido pioneiro das conquistas da terra ele haveria de ser também bandeirante dos novos rumos da unificação e do engrandecimento da pátria.

Essa convocação emocionante, digna de v. exa. e digna deste grande povo constitui uma estupenda realidade do Brasil contemporâneo (...). O desenvolvimento de suas lavouras, o extraordinário surto das suas indústrias e a expansão de seu comércio, representam alguns aspectos das bandeiras dos novos tempos, a bandeira da época que v. exa., mesmo declarou que pertencia, aos que acreditam e constroem, aos que trabalham, e através da qual o Brasil se encaminha para excelsos destinos e por seu próprio esforço constitui agora uma das garantias da reconstrução do mundo futuro.” (“Realidade de uma nação coesa e forte”, in: Folha da Manhã, 2/5/1944, p.2).

O presidente Vargas também discursou para os trabalhadores de São Paulo presentes no Estádio do Pacaembu anunciando que novas leis estavam em elaboração para proteger o operário e o trabalhador rural, além disso, destacou a construção de cidades-modelo junto aos grandes centros comerciais, o investimento de 500 milhões de cruzeiros em restaurantes populares, escolas de trabalho, centros de saúde e lactários, o surgimento de novos empreendimentos industriais no país e a cooperação brasileira na reconstrução do mundo assolado pela Segunda Guerra Mundial. (FOLHA DA MANHÃ, 1944, p.4).

Pouco mais de um ano após de receber as comemorações de 1º de maio ocorreu no Pacaembu outra manifestação política de igual ou maior porte do que a do dia do trabalhador, pelo menos do ponto de vista de expectadores. Em 15 de julho de 1945, aproximadamente 100 mil pessoas foram ao Estádio Municipal acompanhar o discurso do líder comunista Luis Carlos Prestes, libertado, após quase uma década na prisão, pelo decreto de anistia geral para os condenados de crimes políticos de Vargas, em abril do mesmo ano. Apesar do grande apoio popular o governo ditatorial de Vargas sofria pressões para tornar-se mais liberalizante. Ainda enquanto presidente, além da anistia aos prisioneiros outras medidas foram tomadas, evidenciando uma abertura como o fim da censura à imprensa e a criação do ato adicional 9, estabelecendo uma maior autonomia para os estados e municípios e prazos para a marcação das eleições presidenciais. Beneficiado pela abertura de Vargas, o Partido Comunista Brasileiro voltava à legalidade e, meses depois da libertação de seu líder, acabou promovendo uma manifestação política no Pacaembu.

O comitê do partido se movimentou na preparação para o encontro de Prestes com o povo paulista; muitos vieram de longe para prestigiar o líder comunista, como camponeses, operários e trabalhadores dos setores públicos, comerciais e de transportes de todo Brasil, que acompanharam a cerimônia. O ato foi iniciado com a palavra do general Miguel Costa, companheiro de Prestes desde a Coluna Invicta, seguido do Secretário do Comitê Estadual de São Paulo do Partido Comunista, Mário Scott. Representando a palavra da mulher pronunciou-se a professora Luiza Camargo Branco. Após a professora, o poeta e senador do Partido Comunista Chileno Pablo Neruda, que veio ao Brasil especialmente para o evento,

recitou um poema feito para essa ocasião, dedicado a Prestes e, intitulado “Dicho em Pacaembu”<sup>3</sup>.



**Figura 43-** Neruda recitando o poema “Dicho em Pacaembu”

**Fonte:** [www.youtube.com/watch?v=GBwxg\\_75-sg](http://www.youtube.com/watch?v=GBwxg_75-sg)



**Figura 44-** Prestes saudando a multidão.

**Fonte:** [www.youtube.com/watch?v=GBwxg\\_75-sg](http://www.youtube.com/watch?v=GBwxg_75-sg)

Por último, discursou Luis Carlos Prestes para os milhares de brasileiros presentes no Pacaembu, interrompido por aplausos e saudações entre as palavras proferidas. Prestes conclamou:

“Organizemos as grandes massas trabalhadoras da cidade e do campo, fazendo uso das armas da democracia, livre discussão, livre associação de idéias e sufrágio universal. (...) Nascemos com confiança e audácia para frente sempre prontos a esclarecer e educar politicamente o povo, a desmascarar e derrotar definitivamente seus inimigos”

Prestes ainda fez menção ao líder soviético Stalin e ao proletário paulista:

“Sem esquecer jamais a afirmação do grande Stalin em política devemos olhar adiante, construir com os materiais e forças que dispomos na base da realidade econômica, social e política de nossa terra e do mundo, é o que nós comunistas havemos de fazer com apoio do povo, mas principalmente do proletariado de São Paulo.” (Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=t\\_7zindxLbk](http://www.youtube.com/watch?v=t_7zindxLbk),> Acesso em: 04/02/2013, [transcrição minha]).

#### **4.8 Uma Nova Sociabilidade: em que termos?**

Até meados dos anos 1920 o bairro do Pacaembu permaneceu com um aspecto rural, existindo em seu entorno poucas edificações, entre elas, o Hospital Samaritano. (FERREIRA, 2008, p.69). Em 1912, o terreno da região já pertencia à Cia City, no entanto, durante a década

---

<sup>3</sup> Ver Anexo C.

de 1910, a empresa imobiliária percebendo as dificuldades geradas pela estrutura física do bairro mobilizou-se em estudar maneiras apropriadas para a urbanização do local. Para isso, contratou Barry Parker, que, depois de uma série de análises das características da região em conjunto com a preocupação da City em tornar aquele espaço rentável, sobretudo pela sua estratégica localização, começou a desenvolver uma sequência de modificações em sua configuração, viabilizando um maior número de vendas a partir do final da década de 20.

Ainda naquela década a Companhia doou ao Governo do Estado de São Paulo uma área para a construção de um estádio, parecendo prever que uma obra de tal magnitude, além de trazer transformações significativas para o bairro, alavancaria seus negócios. De fato, isto aconteceu, porém as conseqüências desencadeadas desse projeto tanto para o bairro, quanto para a City tornaram-se mais efetivas apenas na passagem da década de 1930 para a de 1940, quando o Estádio Municipal foi inaugurado.

Diante disso, é inevitável ligar as profundas modificações ocorridas na região ao surgimento do estádio, verificando-se que esta obra arquitetônica, em um primeiro momento, foi a maior responsável por uma série de transformações infraestruturais no bairro, observadas, por exemplo, no maior afluxo de transportes que começavam a circular em suas proximidades, como as linhas de bonde e de ônibus ou pela aceleração do processo de pavimentação de suas ruas. Posteriormente, quando Prestes Maia tornou-se prefeito de São Paulo, momento em que o poder público e o privado entraram em uma sintonia mais explícita permitindo um salto no desenvolvimento da construção do Estádio Municipal, a Cia City se beneficiou com o aumento comercialização de terrenos no bairro, provocando uma maior circulação e estabelecimento de pessoas na região e, conseqüentemente, maiores redes de sociabilidade.

Por mais que a construção do Estádio Municipal fosse um fator decisivo tanto para a ampliação dos negócios da Cia City, quanto para as modificações estruturais ocorridas no bairro, as redes de sociabilidade surgidas podem ser interpretadas de maneiras distintas.

O bairro do Pacaembu foi planejado em vista das elites paulistanas que utilizavam o complexo do Pacaembu como espaço de recreação e lazer, embora, ao mesmo tempo, no estádio, desenvolviam-se atrações que mobilizavam um relevante público, não condicionados a uma classe social específica. Enquanto parte de suas instalações eram restritas aos moradores do bairro, o estádio era um espaço das grandes massas, recebendo eventos que se apropriavam de sua grandiosidade para se revestir de importância.

Ou seja, o Pacaembu foi um local marcado pela diversidade; palco de manifestações artísticas, como os concertos e os espetáculos de balés ocorridos em sua concha acústica, cenário de mobilizações políticas, do governo estadonovista as lideranças comunistas; sede de festas



particulares, como as dos estudantes da MacMed e, sobretudo, reduto do esporte nacional e internacional, do Campeonato Paulista aos Jogos Pan-Americanos.

Assim, reforça-se a argumentação, já feita por Fernando Atique de que:

“As edificações são, por essência, obra coletiva, que se inserem naquilo que diversos autores chamam de “produção social do espaço”, atitude processual e plurissêmica. Embora no mundo ocidental a ideia de propriedade privada do solo gere certa propalada aceitação de que uma obra de arquitetura pertence a quem a financiou, ou mesmo a quem a encomendou, nota-se que a partir do momento que ela se levanta do solo, é dada ao ambiente urbano – e mesmo rural – e, conseqüentemente, passa a atuar como baliza de relações sociais no tempo e no espaço” (ATIQUE, 2010, p.1).

Creemos que o Pacaembu é obra que auxilia, e muito, nesta compreensão das diversas dimensões amalgamadas numa obra de arquitetura.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Estádio Municipal do Pacaembu, desde sua inauguração, em 1940, desenvolveram-se múltiplos eventos, regionais, nacionais e internacionais, dos de caráter particular aos das grandes massas, englobando esporte, cultura, política e lazer, evidenciando que este monumento arquitetônico detém um relevante valor simbólico, não restrito apenas ao bairro ou a cidade de São Paulo, mas, sim, a uma esfera mais ampla.

Contudo, há algum tempo, o Estádio está estritamente ligado ao futebol, uma vez que em seu espaço, considerando os eventos que mobilizam grande quantidade de pessoas, e que conseqüentemente atraem maiores rendas, exposição midiática e turismo, fatores os quais, possibilitam recursos para as intervenções necessárias a sua manutenção física, e fundamentais à preservação de sua memória, somente o esporte bretão atende a tais circunstâncias. Sendo assim, o Estádio do Pacaembu estabelece um elo com o futebol que condiciona a sua sobrevivência no cenário nacional.

Com advento da Copa do Mundo de 2014, que será realizada no Brasil, iniciaram-se diversas construções e reformas de estádios pelo país, que tem como uma das sedes a cidade de São Paulo. Em princípio o Estádio do Morumbi, propriedade do São Paulo Futebol Clube, seria a sede paulista, no entanto os desentendimentos entre o clube e a FIFA finalizaram essa possibilidade. Dessa forma, a entidade máxima do futebol foi em busca de alternativas na cidade, decidindo apoiar o projeto de construção da Arena Corinthians, que foi escolhida como palco de abertura do Mundial. Além disso, paralelamente à construção do estádio do Corinthians, o Palmeiras, promove obras de modernização em seu em seu estádio, o Palestra Itália, pretendendo inaugurá-lo no segundo semestre de 2013.

Diante de tal cenário, o Pacaembu que por muito tempo recebeu os jogos do Corinthians, porém atualmente também promove os jogos do Palmeiras e do Santos, no ano de 2014 está condenado a uma anunciada obliteração, provavelmente sediando um número irrisório de jogos que não serão suficientes para sanar as suas despesas. Desde então, essa hipótese configurada, provoca um intenso debate sobre o futuro do Estádio mobilizando uma série de entidades envolvidas com o mesmo, dos clubes que ainda utilizam seu espaço, aos moradores do bairro, setores da imprensa e o poder público, surgindo uma gama de propostas, mas nenhuma decisão concreta.

A utilização do Estádio Pacaembu para shows é uma das soluções mais viáveis analisando pelo ponto de vista financeiro, já que com que com a considerável diminuição dos jogos de futebol anunciada, esses eventos poderiam ajudar suprir parte das necessidades do Pacaembu, aliviando as despesas dos cofres públicos que herdará a maior parte dos custos.

Contudo, a utilização do espaço do Estádio para essa finalidade é proibida desde 2005, devido às pressões da Associação Viva Pacaembu, formada por moradores do bairro, que se incomodavam principalmente com barulho desses eventos, haja vista que nem sempre o horário marcado era o mais adequado.

Outras propostas também foram pautadas. Uma solução seria o Santos Futebol Clube tornar o Pacaembu seu estádio permanente, em vista da demanda de sua torcida paulistana. Entretanto, esta hipótese foi descartada, pois a equipe já possui um estádio e não está disposta a arcar com os altos custos que seriam gerados dessa parceria. Outra alternativa que foi discutida era possível realização de todos os clássicos paulistas no Pacaembu, o que desagradou aos clubes, pois alegam que oferecerão uma estrutura mais apropriada ao espetáculo, além de pretenderem lucrar com esses jogos.

A transformação do Estádio do Pacaembu em uma espécie de parque público também foi uma das propostas cogitadas, porém essa ideia provocou diversos conflitos, entre eles, a da utilização completa das estruturas do local, uma vez que o Pacaembu é um clube, possuindo outras estruturas esportivas e de confraternização, como as piscinas, as quadras poliesportivas e os bares, e a condição para utilizar esses espaços é torna-se sócio, contudo, essa “associação” é restrita aos moradores do entorno da região. Além disso, essa proposta não seria benéfica ao poder público, que obrigatoriamente assumiria todos os encargos do Estádio.

Atrelado à sua estrutura física, um Museu do Futebol foi criado no Estádio, em 20XX atraindo diversos admiradores do esporte, turistas e excursões escolares. Esse órgão talvez possibilite que continue existindo uma razoável circulação de pessoas em suas dependências e a preservação de parte de sua memória, haja vista a profusão de atrações do mesmo que detém inúmeros documentos desse esporte e promove simulações interativas, como a de se sentir parte de uma torcida e comemorar um gol, ainda, mesmo assim, isto não é suficiente a sobrevivência do Estádio, pois em termos financeiros as entradas cobradas para a visita não são capazes de garantir seu funcionamento e uma simulação nunca supera a realidade pelo menos em um jogo de futebol.

Em suma, diversas discussões ainda surgirão em torno da questão: o que será do Pacaembu após 2014? Contudo, este cartão postal paulistano, necessita de um projeto mais incisivo e ao mesmo tempo coerente, que preserve sua estrutura tombada pelo Condephaat, em 1998, atenda às necessidades dos moradores do bairro, mas, sobretudo, dos cidadãos paulistanos e provoque a geração de recursos para sua sobrevivência.

## 6 REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. **Barry Parker: um arquiteto inglês na cidade de São Paulo**. São Paulo: FAUUSP, 1998.
- ATIQUÉ, Fernando. **O Patrimônio (Oficialmente) Rejeitado: a destruição do Palácio Monroe e suas repercussões no ambiente preservacionista carioca**. Texto apresentado ao 50º Simpósio Nacional de História. São Paulo: ANPUH, 2010.
- BACELLI, Roney. **Jardim América. História dos Bairros de São Paulo, Prefeitura do Município de São Paulo**. São Paulo: SMC, 1982.
- CALDAS, Waldenyr. **Pontapé Inicial: Memória do Futebol Brasileiro 1894-1933**. São Paulo: Editora IBRASA, 1990.
- CAMPOS, Candido Malta. **Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo**. São Paulo: SENAI, 2002.
- FERREIRA, João Fernando. **A Construção do Pacaembu**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- FRANZINI Fábio. **Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919 – 1938)**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.
- MAZZONI, Tomás. **A história do futebol brasileiro (1894-1950)**. São Paulo: Leia, 1950.
- MEHRTENS, Cristina Peixoto. **Urban Space and National Identity in Early Twentieth Century São Paulo, Brazil: crafting modernity**. Editora Palgrave Macmillan, 2010
- MILLS, John R. **Charles William Miller- Centenário 1894-1994- Memoriam S.P.A.C.** São Paulo: Editora SPAC, 1996
- MONBEIG, Pierre. **La croissance de la ville de São Paulo. Grenoble, Institut et Revue de Géographie Alpine**, 1953.
- MORSE, Richard. M. **Formação Histórica de São Paulo**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970
- NEGREIROS, Plínio J.L.C. **A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40**. Tese de Doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1998.
- NERUDA, Pablo. **"Canto Geral"**. Tradução de Paulo Mendes Campos. 6ª edição. São Paulo: DIFEL, 1984.
- RIBEIRO, André. **O diamante eterno: biografia de Leônidas da Silva**. São Paulo: Gryphus, 1999.
- SANTOS NETO, José Moraes dos. **Visão do Jogo-Primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2002
- SCHPUN, Mônica Raisal. **Beleza em jogo – Cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20**. São Paulo: Editora SENAC, 1999.

VIANA, Alceu de Melo. **Germânia Pinheiros IX décadas**. São Paulo: Alameda, 1992

WOLFF, Sylvia. **Jardim América - o primeiro bairro-jardim de São Paulo e sua arquitetura**. São Paulo: Edusp, 2000.

### **SITES PESQUISADOS**

[www.cacellain.com.br](http://www.cacellain.com.br)

[www.esportesr7.com](http://www.esportesr7.com)

[www.esportesterra.com.br](http://www.esportesterra.com.br)

[www.fifa.com](http://www.fifa.com)

[www.globoesporte.globo.com](http://www.globoesporte.globo.com)

[www.gottfriedfuchs.blogspot.com.br/2012/12/hans-nobiling.html](http://www.gottfriedfuchs.blogspot.com.br/2012/12/hans-nobiling.html)

[www.literaturanaarquibancada.com.br](http://www.literaturanaarquibancada.com.br)

[www.ludopedio.com.br](http://www.ludopedio.com.br)

[www.mariolopomo.zip.net](http://www.mariolopomo.zip.net)

[www.memoriafutebol.com.br](http://www.memoriafutebol.com.br)

[www.musicadogol.blogspot.com.br](http://www.musicadogol.blogspot.com.br)

[www.youtube.com](http://www.youtube.com)

### **ACERVOS PESQUISADOS**

Acervo Cia City

Acervo da Biblioteca da FAU/USP

Acervo Mackenzie

Acervo Folha de São Paulo

Acervo O Estado de São Paulo

Museu do Futebol

Museu do Clube Atlético Paulistano

Arquivo do Estado de São Paulo

## ANEXO A –

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS NO JORNAL  
FOLHA DA MANHÃ**

| <b>DATA</b>         | <b>TÍTULO DA MATÉRIA</b>   |
|---------------------|--|
| 27 de abril de 1940 | 15.000 esportistas em desfile  |
| 27 de abril de 1940 | Sequência que será observada durante a festa de inauguração do Estádio |
| 2 de maio de 1944   | O Interventor Fernando Costa saúda o presidente Vargas                 |
| 2 de maio de 1944   | Vibrantes homenagens de São Paulo ao presidente Getúlio Vargas         |
| 2 de maio de 1944   | Realidade de uma nação coesa e forte                                   |
| 28 de junho de 1950 | Às 12 horas no Pacaembu  |
| 29 de junho de 1950 | Os Brasileiros precisam vencer a Iugoslávia para serem semifinalistas  |
| 11 de Julho de 1954 | Último dia de festa  |
| 13 de Julho de 1954 | Grande Circo   |

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS NO JORNAL  
FOLHA DE SÃO PAULO**

| <b>DATA</b>         | <b>TÍTULO DA MATÉRIA</b>  |
|---------------------|---|
| 17 de abril de 1963 | Os dominicanos só mandam do delegado; os venezuelanos perdem cotação no basebol |

|                     |   |
|---------------------|---|
| 19 de abril de 1963 | Começa o Pan: paulista só se vê outro em cem anos     |
| 19 de abril de 1963 | Tocha Olímpica chega às 14 horas de hoje              |
| 21 de abril de 1963 | Antilhas Primeiro                                     |
| 21 de abril de 1963 | Inicia-se o IV Pan-Americano”, in: Folha de São Paulo |
| 21 de abril de 1963 | Pacaembu lotado assistiu abertura do Pan              |
| 2 de maio de 1963   | O preço da Vitória                                    |
| 5 de maio de 1963   | A Vara foi quebrada o recorde não                     |
| 5 de maios de 1963  | Encerramento  |

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS NO JORNAL  
A GAZETA**

| <b>DATA</b>         | <b>TÍTULO DA MATÉRIA</b>   |
|---------------------|--|
| 15 de maio de 1929  | Superlotação   |
| 24 de abril de 1940 | A Inauguração do Estádio do Pacaembu   |
| 24 de abril de 1940 | Dois jogos interestaduais de grande atração  |
| 25 de abril de 1940 | A organização do desfile   |
| 26 de abril de 1940 | Diretoria do Serviço de Trânsito. Instruções para o serviço de veículos durante a inauguração do Estádio Municipal |

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS NO JORNAL  
DIÁRIO POPULAR**

| <b>DATA</b>         | <b>TÍTULO DA MATÉRIA</b>                            |
|---------------------|---|
| 28 de abril de 1940 | As primeiras partidas no Gigante de concreto armado |

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS NO JORNAL  
CORREIO PAULISTANO**

| <b>DATA</b>            | <b>TÍTULO DA MATÉRIA</b>              |
|------------------------|---------------------------------------|
| 30 de Novembro de 1900 | Fundação do Club Athletico Paulistano |

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS NO JORNAL  
O ESTADO DE SÃO PAULO**

| <b>DATA</b>         | <b>TÍTULO DA MATÉRIA</b>         |
|---------------------|----------------------------------|
| 28 de abril de 1940 | Inaugurado o Estádio do Pacaembu |

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS NA REVISTA  
ACRÓPOLE**

| <b>DATA</b>   | <b>TÍTULO DA MATÉRIA</b> |
|---------------|--------------------------|
| Julho de 1939 | Novo Estádio Municipal   |

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS NA REVISTA  
POPEYE**

| <b>DATA</b> | <b>TÍTULO DA MATÉRIA</b> |
|-------------|--------------------------|
|-------------|--------------------------|



|               |                              |
|---------------|------------------------------|
| Abril de 1979 | MacMed                       |
| Abril de 1979 | MacMed uma festa com 45 anos |

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS NO XVIII  
CATÁLOGO MACMED**

| <b>DATA</b> | <b>TÍTULO DA MATÉRIA</b> |
|-------------|--------------------------|
| 1952        | Relatando                |

**QUADRO DESCRITIVO DO CATÁLOGO DE FESTEJOS INAUGURAIS DO  
ESTÁDIO MUNICIPAL DO PACAEMBU**

| <b>DATA</b>         | <b>TÍTULO DA MATÉRIA</b>   |
|---------------------|--|
| 27 de abril de 1940 | Programação dos festejos inaugurais do Estádio Municipal do Pacaembu |

**ANEXO B-****QUADRO DESCRITIVO DO VÍDEO DO COMÍCIO DE LUIS CARLOS  
PRESTES**

| <b>DATA DO COMÍCIO</b> | <b>LINK</b>   |
|------------------------|---|
| 15 de julho de 1945    | < <a href="http://www.youtube.com/watch?v=t_7zindxLbk">http://www.youtube.com/watch?v=t_7zindxLbk</a><br>,> |

## ANEXO C-

### **Poesia de Pablo Neruda recitada no Comício de Luís Carlos Prestes.**

#### **Canto Geral**

Quantas coisas quisera hoje dizer, brasileiros,  
quantas histórias, lutas, desenganos, vitórias,  
que levei anos e anos no coração para dizer-vos, pensamentos  
e saudações. Saudações das neves andinas,  
saudações do Oceano Pacífico, palavras que me disseram  
ao passar os operários, os mineiros, os pedreiros, todos  
os povoadores de minha pátria longínqua.

Que me disse a neve, a nuvem, a bandeira?

Que segredo me disse o marinheiro?

Que me disse a menina pequenina dando-me espigas?

Uma mensagem tinham. Era: Cumprimenta Prestes.

Procura-o, me diziam, na selva ou no rio.

Aparta suas prisões, procura sua cela, chama.

E se não te deixam falar-lhe, olha-o até cansar-te  
e nos conta amanhã o que viste.

Hoje estou orgulhoso de vê-lo rodeado  
por um mar de corações vitoriosos.

Vou dizer ao Chile: Eu o saudei na viração  
das bandeiras livres de seu povo.

Me lembro em Paris, há alguns anos, uma noite  
falei à multidão, fui pedir auxílio  
para a Espanha Republicana, para o povo em sua luta.

A Espanha estava cheia de ruínas e de glória.

Os franceses ouviam o meu apelo em silêncio.

Pedi-lhes ajuda em nome de tudo o que existe

e lhes disse: Os novos heróis, os que na Espanha lutam, morrem,

Modesto, Líster, Pasionaria, Lorca,

são filhos dos heróis da América, são irmãos

de Bolívar, de O' Higgins, de San Martín, de Prestes.

E quando disse o nome de Prestes foi como um rumor imenso.

no ar da França: Paris o saudava.

Velhos operários de olhos úmidos

olhavam para o futuro do Brasil e para a Espanha.

Vou contar-vos outra pequena história.

Junto às grandes minas de carvão, que avançam sob o mar,

no Chile, no frio porto de Talcahuano,

chegou uma vez, faz tempos, um cargueiro soviético.

Quando a noite chegou

vieram aos milhares os mineiros, das grandes minas,

homens, mulheres, meninos, e das colinas,

com suas pequenas lâmpadas mineiras,

a noite toda fizeram sinais, acendendo e apagando,

para o navio que vinha dos portos soviéticos.

Aquela noite escura teve estrelas:

as estrelas humanas, as lâmpadas do povo.

Também hoje, de todos os rincões

da nossa América, do México livre, do Peru sedento,

de Cuba, da Argentina populosa,

do Uruguai, refúgio de irmãos asilados,

o povo te saúda, Prestes, com suas pequenas lâmpadas

em que brilham as altas esperanças do homem.

Por isso me mandaram, pelo vento da América,

para que te olhasse e logo lhes contasse

como eras, que dizia o seu capitão calado

por tantos anos duros de solidão e sombra.

Vou dizer-lhe que não guardas ódio.

Que só desejas que a tua pátria viva.

E que a liberdade cresça no fundo

do Brasil como árvore eterna.

Eu quisera contar-te, Brasil, muitas coisas caladas,  
carregadas por estes anos entre a pele e a alma,  
sangue, dores, triunfos, o que devem se dizer  
o poeta e o povo: fica para outra vez, um dia.

Peço hoje um grande silêncio de vulcões e rios.

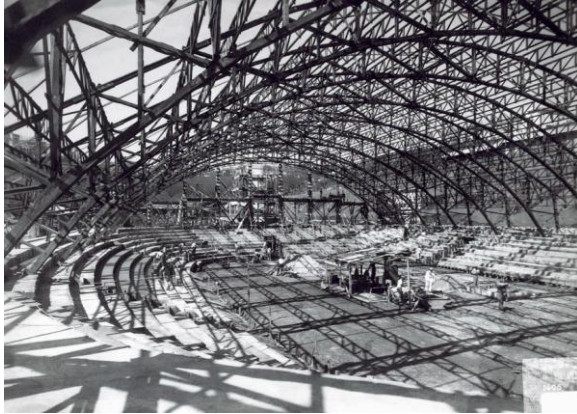
Um grande silêncio peço de terras e varões.

Peço silêncio à América da neve ao pampa.

Silêncio: com a palavra o Capitão do Povo.

Silêncio: que o Brasil falará por sua boca.

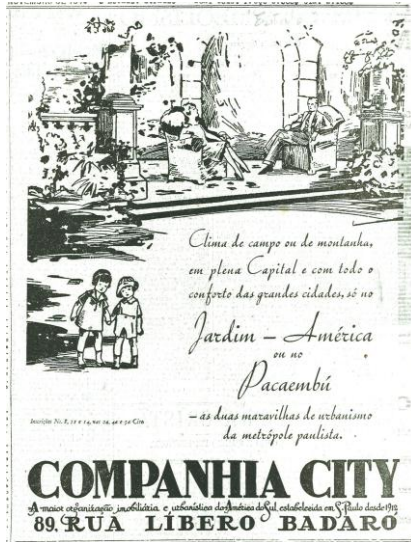
## ANEXO D-



Construção da Quadra de Tênis no Pacaembu.  
Fonte: Acervo da Biblioteca da Fau/USP.



Estádio do Pacaembu.  
Fonte: Acervo da Biblioteca da Fau/USP.



Propaganda de venda Cia City.  
Fonte: Acervo Cia City.



Evento no Pacaembu.  
Fonte: Acervo Estado de São Paulo.



Vargas na Inauguração do Estádio  
Fonte: Acervo da Biblioteca da Fau/USP.



Cartaz de Inauguração.  
Fonte: Acervo Cia City.